

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

HERCÍLIO RIBEIRO DE OLIVEIRA

**CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DE PROFESSORES E ALUNOS DE UMA
ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA**

**SÃO MATEUS/ES
2017**

HERCÍLIO RIBEIRO DE OLIVEIRA

CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DE PROFESSORES E ALUNOS DE UMA
ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Dissertação apresentada à Faculdade Vale do
Cricaré como parte dos requisitos exigidos para
obtenção do título de Mestre em Gestão Social,
Educação e Desenvolvimento Regional.

Área de concentração: Educação e
Desenvolvimento Regional.

Orientador: Professor Doutor Marcus Antonius da
Costa Nunes.

SÃO MATEUS/ES
2017

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

O48c

Oliveira, Hercílio Ribeiro de.

Caracterização do perfil de professores e alunos de uma escola estadual de Educação de Jovens e Adultos - EJA/Hercílio Ribeiro de Oliveira – São Mateus - ES, 2017.

90f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes.

1. Educação de Jovens e Adultos - EJA. 2. Ensino - Aprendizagem. 3. Dificuldades – Professor - Aluno. 4. Nunes, Marcus Antonius da Costa. I. Título.

CDD: 374.001

HERCÍLIO RIBEIRO DE OLIVEIRA

Caracterização do perfil de professores e alunos de uma escola estadual de Educação de Jovens e Adultos - EJA

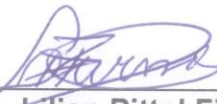
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovado em 28 de setembro de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA



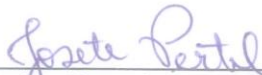
Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Profa. Dra. Lilian Pittol Firme de Oliveira
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Me. Luana Frigulha Guisso
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Josete Pertel
Faculdade Multivix São Mateus

*“Dedico este trabalho a mim. Ao meu
esforço em buscar crescer e
desenvolver minha profissão,
ultrapassando as barreiras das dificuldades
sem prejudicar a ninguém.
Posso dizer que não foi fácil chegar até aqui.”*

Hercílio Ribeiro de Oliveira

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

À minha família, pelo apoio.

Ao meu orientador Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes pela paciência, ensinamentos e incentivo.

Aos professores entrevistados, por disponibilizar uma parte de seu tempo para a realização da entrevista.

Aos alunos entrevistados, que prontamente me atenderam e participaram da pesquisa.

A todos aqueles que dedicam a sua vida à educação e a cada dia dividem um pouco do seu saber com outras pessoas.

A aqueles que lutam para alcançar uma formação, que mesmo cansados, com problemas familiares, buscam ânimo para enfrentar todos os dias a busca por mais conhecimento.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre”.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo discute a situação atual da Educação de Jovens e Adultos em escola estadual localizada no município da Serra/ES, onde se procedeu a pesquisa com o objetivo de identificar e discutir, sob a visão dos alunos e professores os elementos que dificultam o processo ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, tendo como *lócus* escolhido a Escola Estadual de Ensino Fundamental “Campinho”, nos quais os entrevistados foram 12 professores e 152 alunos de 08 turmas do ensino noturno da Educação de Jovens e Adultos, a partir de um questionário semi-estruturado. Essa dissertação tem cunho exploratório. Empregou-se, nesse estudo, a pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa. Realizou-se a revisão de literatura apresentando um estudo sobre a educação no Brasil e contextualizando a Educação de Jovens e Adultos. Posteriormente, realizou-se a apresentação e análise dos dados, com a elegibilidade de categorias: Reprovação e evasão: retomando os estudos na EJA; Apontamentos das dificuldades para ensinar e aprender nessa modalidade de ensino; Elementos desmotivadores para o aluno no processo ensino-aprendizagem na EJA. Concluiu-se, nesse estudo, que na modalidade de EJA existem dificuldades no processo ensino-aprendizagem frente aos conteúdos ministrados em sala de aula e que melhorar o ensino requer esforços de todos os envolvidos no processo, inclusive de políticas públicas efetivas na área educacional.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Dificuldades. Aluno. Professor.

ABSTRACT

This study discusses the current situation of youth and adult education at Campinho State School, located in the municipality of Serra / ES, which was carried out with the objective of identifying and discussing in the view of students and teachers the elements that hamper the teaching- learning in the Education of Youths and Adults, having as the locus chosen the State School of Elementary School "Campinho", in which the interviewed were 12 teachers and 152 students of 08 classes of the night teaching of Education of Young and Adults, from a questionnaire semi-structured. This dissertation has an exploratory character. The bibliographical research, with a qualitative approach, was used in this study. The literature review was presented presenting a study on education in Brazil and contextualizing the education of youth and adults. Subsequently the presentation and analysis of the data were performed, with the eligibility of categories: Reprobation and evasion: resuming studies in the EJA; Notes of the difficulties to teach and learn in the EJA teaching modality; Demotivating elements for the student in the teaching-learning process in the EJA. It was concluded in this study that in the EJA modality there are rather difficulties in the teaching-learning process in relation to the content taught in the classroom and that improving the education requires efforts of all those involved in the process, including effective public policies in the educational area.

Keywords: Teaching. Learning.Difficulties.Student.Teacher.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Referência de formação acadêmica dos professores.....	44
Gráfico 2	Bairro de residência dos alunos entrevistados.....	45
Gráfico 3	Profissão mais comum entre os alunos entrevistados.....	46
Gráfico 4	Referência estado civil – alunos estudados	47
Gráfico 5	Motivo para reiniciar os estudos na EJA – alunos estudados da EEEF Campinho.....	49
Gráfico 6	Classificação dos alunos quanto ao ensino-aprendizagem das matérias ofertadas na Educação de Jovens e Adultos.....	54
Gráfico 7	Classificação dos professores quanto ao ensino-aprendizagem das matérias ofertadas na Educação de Jovens e Adultos.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Descrição física/Ano 2016	39
Tabela 2	Organização funcional/Ano 2016 – Turno matutino	40
Tabela 3	Organização funcional/Ano 2016 – Turno vespertino	40
Tabela 4	Organização funcional/Ano 2016 – Ensino Médio Modalidade EJA	41
Tabela 5	Organização profissional/Ano 2016 – Professores	41
Tabela 6	Referência idade dos professores entrevistados.....	43
Tabela 7	Referência ao tempo de atuação profissional como professor	43
Tabela 8	Referência ao tempo de atuação como professor na EJA.	43
Tabela 9	Referência à idade dos alunos entrevistados.....	44
Tabela 10	Possíveis motivos que ocasionaram o fracasso escolar na EJA da EEEF de Campinho.....	48
Tabela 11	Disciplinas consideradas difíceis de aprender – Aluno.....	62
Tabela 12	Disciplinas consideradas difíceis de aprender – Professor.....	64
Tabela 13	Situações que o aluno considera que desanima a estudar e causa prejuízo ao seu aprendizado.....	65
Tabela 14	Situações que para o aluno ocasionam desânimo em sair de casa e ir para escola.....	66
Tabela 15	Situações que para o professor o aluno desanima em sair de casa e ir para escola.....	67
Tabela 16	Fatores motivadores do estudo - Visão do aluno entrevistado.....	72

LISTA DE SIGLAS

CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Ensino
EEEF	Escola Estadual de Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFES	Instituto Federal do Espírito Santo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PMV	Prefeitura Municipal de Vitória
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
SEDU	Secretaria Estadual de Educação
SPG	Supletivo de Primeiro Grau
SSG	Supletivo de Segundo Grau

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO DA LITERATURA	20
2.1 A EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO	20
2.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	24
2.2.1 Aluno da EJA: Desafios para conquistar uma formação	31
2.2.2 Relação ensino X aprendizagem na EJA	32
2.2.3 Atuação do professor na EJA: Um fazer diferente	33
3 DELINEAMENTO DA PESQUISA	37
3.1 TÉCNICAS DA PESQUISA	37
3.2 LOCAL DA PESQUISA	39
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	43
4.1 SUJEITOS DA PESQUISA	43
4.2 REPROVAÇÃO E EVASÃO: RETOMANDO OS ESTUDOS NA EJA ..	47
4.3 APONTAMENTOS DAS DIFICULDADES PARA ENSINAR E APRENDER NA MODALIDADE DE ENSINO EJA	53
4.4 ELEMENTOS DESMOTIVADORES PARA O ALUNO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA	66
4.5 ENSINAR: PENSAR EM SAIR DO BÁSICO E DIVERSIFICAR O ENSINO COM DINAMISMO PARA FACILITAR O APRENDIZADO DO ALUNO DA EJA	67
5 AÇÕES PROPOSTAS PARA EJA DA E.E.E.F. CAMPINHO	74
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
APÊNDICES	84

APÊNDICE A: Termo de compromisso	85
APÊNDICE B: Questionário – Professor	86
APÊNDICE C: Questionário – Aluno	87
APÊNDICE D: Termo de Autorização de Imagem Institucional	90

1 INTRODUÇÃO

A educação é uma troca de aprendizado constante, é um processo contínuo da busca do conhecimento, que propicia o desenvolvimento das habilidades dos indivíduos, seja no desenrolar do pensar, do refletir e do debater, bem como no ato de criticar e de entender assuntos diversos frente à dinâmica de vida de nossa sociedade. Essa educação é direito de todos e é dever do Estado e da família garanti-la, pois é parte necessária da preparação e desenvolvimento de qualquer pessoa para exercer a cidadania e qualificar-se para exercer atividades profissionais, como destacado na Constituição Federal de 1988, Capítulo III, art. 205 onde se afirma que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Para a realização deste estudo, cabe aqui dizer que o lócus escolhido foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental “Campinho” que é uma instituição de ensino público, mantida pelo Governo do Estado do Espírito Santo, através da Secretaria de Estado da Educação e Esportes, estando situada à Rua Principal S/Nº, no Bairro Campinho da Serra I, Serra, Espírito Santo.

Destacamos que o interesse e motivação em estudar as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem surgiram a partir das experiências em docência com os alunos da Educação de Jovens e Adultos. Com essa caminhada profissional foi possível conviver com vários alunos, de diferentes características sociais e culturais, com semelhanças em questões referentes à situação de ordem socioeconômica, que em alguns casos refletiram na defasagem do ensino regular.

Foi exatamente nesse momento e contexto que percebemos o grau de comprometimento dos professores, bem como o interesse dos alunos pelo ensino-aprendizado. Assim, surgiu a ideia de pesquisar e aprofundar o estudo no processo de ensino-aprendizagem na EJA e desse estudo teve gênese uma monografia apresentada no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA do

Instituto Federal do Espírito Santo – IFES no ano de 2013 intitulada “As dificuldades de aprendizagem dos alunos da EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Engrácio da Silva, na visão dos docentes”.

Pensando no direito à educação e no seu acesso de forma abrangente, percebemos no trabalho como professor, que ainda há deficiências no que se refere ao processo de formação escolar da população, onde não conseguimos alcançar a alfabetização de todos os cidadãos brasileiros, em que, conforme a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (Pnad), divulgada em 2015, apresentou que 13 milhões de brasileiros com mais de 15 anos ainda não sabiam ler ou escrever. Em 2016, Pnad divulgou que o Brasil apresentou 12,9 milhões de analfabetos. Mas, em contrapartida, já conquistamos significativas melhoras nos últimos tempos, onde podemos observar, a partir do nosso dia a dia, um número maior de escolas, sendo que do período de 2008 a 2016, ocorreu o crescimento de 56,9% do número de escolas que oferecem Educação Infantil e 11,6% de escolas com oferta do ensino médio (Pnad, 2016), conseqüentemente um maior quantitativo de vagas, assim como alguns facilitadores de acesso a um espaço de ensino, como se pode citar a gratuidade no transporte público ou até mesmo a concessão de ônibus das prefeituras para oportunizar que alunos possam estudar.

A educação necessita de mais investimento financeiro, haja vista que, segundo dados dos Ministérios da Educação e da Fazenda, o valor mínimo no ano de 2016, investido por aluno da educação básica correspondeu a R\$ 2.739,77, sendo este um valor considerado baixo, para que seja possível criar condições que permitam que o aluno consiga seguir o rumo de sua formação em seu tempo, contribuindo, dessa forma, com o crescimento intelectual e na formação de um cidadão capaz de gerar transformações. A baixa permanência de alunos na escola é indicativa que compromete a formação do cidadão e os leva, em tempos mais tarde, a buscar o seu ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Dessa maneira, corroborando com o que foi mencionado sobre o investimento na modalidade EJA, vale destacar que:

A ausência de políticas públicas mais efetivas de médio e de longo prazo conduz à fragmentação, dispersão e descontinuidade dos programas de EJA. Configurando antes programas de governo que políticas de Estado, as iniciativas vinculadas à EJA mostram-se particularmente vulneráveis à descontinuidade político-administrativa, ficando à mercê de interesses

momentâneos ou alterações nas gestões políticas. Ocupando lugar secundário nas políticas educacionais, atribuem-se à EJA recursos insuficientes; faltam informações sobre os montantes de recursos a ela destinados, bem como critérios claros para sua distribuição e liberação. Dispondo de financiamento escasso, os programas de EJA não contam com recursos materiais e humanos condizentes com a demanda por atender. Essa modalidade de ensino padece da falta de profissionais qualificados, de materiais didáticos específicos e de espaços físicos adequados, [...] (PAIVA, MACHADO, IRELAND, 2016, p. 45).

Percebe-se, de forma mais clara, que a EJA acontece, mas ainda não é prioridade nas plataformas políticas educacionais e ainda não é de suma importância focar em investimentos maciços para organizar, modelar e melhorar esse ensino. Mesmo pensando, que o Brasil tem dívidas com uma parcela da população que não conseguiu iniciar ou concluir o seu Ensino Básico e obter uma formação digna como qualquer cidadão. Assim, é imprescindível que a EJA cumpra o seu objetivo, de permitir que pessoas adultas possam ter acesso à escola, dado ao fato de que por alguma circunstância de vida, teve interrompido ou não teve a oportunidade de frequentar a escola em período considerado adequado à idade.

Estar na EJA, para o cidadão jovem e principalmente o adulto, é uma oportunidade de estar na escola e adquirir os conhecimentos fundamentais e básicos ensinados em sala de aula e que, de certa forma, contribuirão para uma formação diferenciada de suas expectativas de construção, conquistas ou mudanças futuras de vida. Pela observação dos aspectos, cabe sim mais atenção do governo quanto a ampliar os investimentos não somente na Educação de Jovens e Adultos, quanto em todos os seguimentos da área educacional.

Explicando, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que deve ser ponto de discussão de várias instâncias de nossa sociedade, pois pode ser considerada um momento que os indivíduos encontram uma oportunidade de retomar os estudos ou iniciar um aprendizado a qual nunca lhe foi permitido. Desse modo, levando-se em consideração esse aspecto, é importante pensar que os investimentos governamentais são imprescindíveis. Mas também vale dizer que o docente, quando faz a sua organização de conteúdo, deve pensar não somente em aplicá-lo e finalizar seu cronograma de aula, ele deve buscar também entender e compreender as dificuldades apresentadas pelos alunos em sua participação efetiva nas aulas e no processo de aprendizagem da disciplina ministrada.

O que é preciso destacar aqui, é que a escola deve ser inserida nesse processo, permitindo que a criatividade do professor seja afluída, permitindo, ainda que ele desenvolva e aprimore a cada dia, observando as necessidades e particularidades de seus alunos.

A escola deve dar condições aos estudantes para que estes ultrapassem o mero domínio das informações factuais. É necessário que eles desenvolvam atitudes favoráveis em relação ao ensino e, para isso, é preciso abrir espaço para o aspecto afetivo que permeia todo o processo de ensino-aprendizagem. Muitas vezes esse aspecto não é contemplado nas grades curriculares, pois a preocupação maior recai sobre a aquisição de conteúdos e de fatos estabelecidos pelo programa (GONÇALEZ, 2000, p. 121).

Este estudo busca responder o seguinte questionamento: Qual o perfil atual dos alunos e professores da Escola Estadual Campinho?

Dessa forma, o trabalho em questão se justifica no fato de que o processo de ensino-aprendizagem na modalidade de ensino da EJA deve ser associado à uma ação educativa pautada em conhecer o perfil da turma e levá-lo em consideração no planejamento e na dinâmica de trabalho a ser desenvolvida em sala de aula, visto que os alunos estão cercados por um universo próprio, com a presença de questões problemáticas únicas frente à sua vida, que acabam por afetar o seu aprendizado e até mesmo a sua vontade de continuar estudando.

Entendemos ser importante estudar as dificuldades dos alunos, tendo em vista que num determinado momento de suas vidas lhe foi negado o direito à educação, seja por questões socioeconômicas, seja pela dificuldade de conseguir vaga na rede pública de ensino, seja por questões de acessibilidade ou outras condições desfavoráveis ao acesso escolar. Vale, ainda, levar em consideração a vivência, já que muitos deles carregam em si uma grande bagagem de experiências de vida e uma formação de cultura própria. O que propicia a fazer com que o aluno seja considerado um elemento importante no processo de aprendizagem e, não somente, um receptor de informação.

O aluno pode se tornar um participante ativo, com espaço para expor as suas vivências e essas serem associadas ao processo educacional do conteúdo aplicado. Para isso, considero que seja necessária que a formação do docente seja contínua,

baseada na realidade atual do ensino frente à realidade do público da EJA, para que o docente possa ter mais conhecimentos de como adequar o seu conteúdo didático à dinâmica de vivência de seus alunos, levando em consideração o perfil discente.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa foi caracterizar o perfil de alunos e professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Campinho.

Propõe-se, como objetivos específicos:

- Estudar as dificuldades dos alunos da EJA e das disciplinas do curso;
- Abordar questões que contribuem para o desenvolvimento de um ensino mais próximo da realidade de vida dos alunos;
- Descrever o perfil de alunos e professores da Educação de Jovens e Adultos da Escola Campinho.

A divisão da dissertação se apresenta organizada nos seguintes capítulos:

No Capítulo, apresenta-se a Introdução, a qual contempla uma descrição sucinta de como foi desenvolvida a pesquisa, assim como uma breve explanação sobre o tema em destaque.

O segundo Capítulo, aborda-se a Revisão da Literatura apresentando a educação no Brasil e contextualizando a educação de jovens e adultos, abarcando um pouco sobre o seu conceito e história. Assim, como serão trazidos para discussão teórica itens que tratam dos desafios que o aluno EJA precisa superar para conquistar uma formação, a relação do binômio ensino-aprendizagem e a atuação do professor, frente a atuar de forma diferenciada.

O Capítulo 3 traz o Percorso metodológico, sendo a pesquisa exploratória, em uma abordagem qualitativa, intermediada pelo estudo de caso, através de questionário realizado com os participantes da pesquisa.

No Capítulo 4 estão a apresentação da análise dos dados, onde para a interpretação destes, consideramos viável a elegibilidade de categorias para melhor descrevê-las. Categorias estas como: Reprovação e evasão: retomando os estudos na EJA;

Apontamentos das dificuldades para ensinar e aprender na modalidade de ensino EJA; Elementos desmotivadores para o aluno no processo ensino-aprendizagem na EJA; Ensinar: Pensar em sair do básico e diversificar o ensino com dinamismo para facilitar o aprendizado do aluno da EJA.

O último Capítulo 5 abrange as Considerações Finais, com a apresentação das questões apresentadas no estudo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO

A literatura brasileira é bem diversificada e ampla no que diz respeito à educação no Brasil, que historicamente surgiu na época do período colonial, com a presença dos jesuítas no processo de domesticação dos índios através da educação religiosa católica.

A educação dada aos índios não era uma forma de bem ao próximo, ela foi uma necessidade da época devido ao fato de que os latifundiários e escravocratas precisavam fazer uso da mão de obra indígena, mas como os índios não foram “receptivos” à exploração, eles precisaram ser pacificados e educados para, então, servir ao homem branco (RIBEIRO, 1993, p.15).

Com o tempo, os jesuítas formaram a Companhia de Jesus e com ela a implantação de escolas para atender a população da colônia brasileira, contudo, o acesso ao conhecimento era dado somente aos filhos das classes médias e altas, a classe pobre era desfavorecida, pois não havia interesse por parte daqueles que detinham o poder em transformar a população rica com conhecimento, afinal, sempre foi mais fácil manter o domínio e submissão daqueles que não possuem conhecimento. Assim,

[...] a educação brasileira teve seu início a partir da vinda dos jesuítas para o Brasil, cujo interesse era difundir o catolicismo pelo mundo, iniciado aqui a partir da catequização dos povos indígenas. A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (GHIRALDELLI JR., 2008, p.24).

Dessa forma, Strelhow (2010, p.51) explica que com a saída dos jesuítas do Brasil, no ano de 1759, a educação adulta, instituída na Colônia Brasileira passa a sofrer uma crise, ficando sob a responsabilidade do Império a organização e o emprego da educação. Assim, esta foi marcada pelo elitismo, restringindo a educação às classes mais abastadas.

De forma geral, verifica-se que a educação no Brasil passou por mudanças que acompanharam as transformações no mundo ocidental, a partir do processo de industrialização e urbanização do país, na qual passou a exigir um trabalhador com certa instrução, mesmo que essa fosse mínima. Tudo isso foi sendo processado na sociedade, devido ao advento da modernização, que passou a modelar a população ao dizer que a leitura e a escrita precisava ser de conhecimento para conquistar espaços melhores. Assim, as transformações ocorridas no mundo ocidental, o direito à leitura e à escrita eram pertencentes somente à sociedade elitizada e à sociedade aristocrática. Somente com a efetividade das mudanças revolucionárias foi que o uso da escrita e o conhecimento da leitura passaram a ser socialmente necessários. E com a necessidade desses direitos, foi possível iniciar o caminhar em direção à democratização. Afinal, uma época de modernização, com grandes indústrias e fábricas acabava por gerar a necessidade de cidadãos alfabetizados (BARBOSA, 1990).

De fato os progressos educacionais realizados pelo Brasil, na segunda metade da educação de 90 foram notáveis. Mesmo assim, estes avanços não foram suficientes para satisfazer adequadamente as demandas existentes, até porque as exigências da sociedade mudaram, acompanhando as transformações tecnológicas. Hoje, já não basta garantir a universalização do ensino compulsório, [...]. Para uma cidadania plena e uma vida produtiva exige-se, no mínimo 12 anos de escolaridade básica (BRASIL, 2000, p. 3).

O crescimento da educação passou pelo desenvolvimento e acessibilidade, para alguns, de acordo com a evolução política, social e econômica do país. Onde Romanelli analisa que:

[...] a evolução do sistema educacional, a expansão do ensino e os rumos que está tomou só podem ser compreendidos, a partir da realidade concreta criada pela nossa herança cultural, evolução econômica e estruturação do poder político (ROMANELLI, 2000, p. 19).

A educação é fundamental para o desenvolvimento da sociedade. A história tende a mostrar isso durante os anos passados, presente e futuro. E a modernização dos mecanismos de trabalho, de comunicação e outros, apresentam-se como essenciais para que a educação continue.

Reconhecendo o caminhar desse crescimento, fazemos alusão à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que é uma investigação referente à educação que capta as características sobre a escolarização alcançada pela população e, em especial,

sobre os estudantes, permitindo, assim, acompanhar, ao longo dos anos, a situação do analfabetismo e da escolarização no País, bem como o nível de educação da população. Verificou-se que, no período de 2007 a 2014, foi mantida a tendência de declínio das taxas de analfabetismo e de crescimento da taxa de escolarização do grupo etário de 6 a 14 anos e do nível de educação da população. O que reporta a afirmação de que o nível de instrução cresceu de 2007 para 2014, sendo que o grupo de pessoas com pelo menos 11 anos de estudo, na população de 25 anos ou mais de idade, passou de 33,6% para 42,5%. Em 2014, no contingente de 25 anos ou mais de idade, a parcela com pelo menos 11 anos de estudo representava 40,3%, para os homens e 44,5%, para as mulheres, onde o diferencial por sexo persistiu em favor da população feminina, mantendo-se o seu nível de instrução mais elevado (IBGE, 2015).

A partir dos dados citados no censo do IBGE 2015, é certo dizer que mesmo o país caminhando na direção certa, no que se refere à busca por oportunizar a educação para todos e, assim, seguir o que rege nossa Constituição, contudo, nas premissas da efetividade da garantia do direito à educação, precisamos de maior efetivação das políticas públicas educacionais. Afinal, sobre a educação, o ato de educar e de passar conhecimento, pode dizer que:

A cada dia aprendemos um pouco sobre esta arte necessária, fundamental para o desenvolvimento de um povo, de um país. Aprendemos muito com o que ouvimos, vemos, sentimos, com o silêncio e as atitudes. Com certeza, em todos os momentos aprendemos desde que tenhamos vontade de ser, de crescer e conseqüentemente compartilhar com as outras pessoas (ROMINELLI, apud CORREIA; BRITO, 2016, p. 62).

A educação é, sim, uma parte importante e essencial para a vida de todos. Ela transmite informação, conhecimento, favorece a transmissão da herança cultural dos povos, de geração em geração. Para Kneller (1971), a educação tem um efeito formativo sobre a mente e caráter de um indivíduo.

Assim, Fuck (1994, p. 14) já dizia:

Que a educação seja o processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as consequências de sua escolha.

É certo falar que a educação, em sua plena magnitude, é assunto que não tem fim, divergem opiniões e com certeza nunca se esgotará o debate. Afinal, o Brasil ainda tem muito para suprir no que tange à boa educação, esta deve ser trabalhada desde a base e oportunizada a todos, sem exceção. A esse respeito, Cunha assegura que

No que diz respeito à educação, cabe ressaltar que ela é um instrumento de inclusão social, que comporta mudança na vida de todas as pessoas, independentemente da idade ou classe social. Estudar pode não deliberar todos os problemas sociais, nem revogar com a injustiça social, mas é o meio pelo qual a pessoa pode reescrever sua própria história. Ademais, aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem (CUNHA, 2016, p. 67).

Ser analfabeto é condição de muitos brasileiros, essa é uma realidade dura e difícil, mas ela é real e existe. Tais pontos descritos nos remetem ao entendimento de que,

[...] o analfabetismo no País é o resultado da ineficiência do sistema escolar. Esse sistema, segundo o autor, produz um grande contingente de pessoas que ficam excluídas até mesmo dos processos de alfabetização inicial. Essa exclusão, como ele próprio adverte, eleva mais e mais, a cada geração, o número de pessoas dependentes da educação de jovens e adultos. O problema, portanto, não é só de repetência, mas de acesso e permanência no sistema de ensino, podendo, ainda, indicar a quase inexistente articulação entre o que a escola se propõe a fazer e as especificidades do grupo de alunos que atende (FERRARO, apud PEREIRA, 2005, p. 18).

O ato de aprender é constante e o conhecimento não tem um ponto final, quando o ensinar passa a ser uma troca diária de conhecimentos, aprimorada ao saber realizado em cada troca de experiência e em cada debate frente a um determinado assunto.

2.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

No que se refere à história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, não houve por parte do governo um interesse inicial em desenvolvimento dessa modalidade de ensino para atender ao seu público alvo. Mesmo com o artigo nº 179 da Constituição Imperial de 1824, onde descrevia que a instrução primária era gratuita para todos os cidadãos, era fato que nem todos tinham acesso (NASCIMENTO, 2013). Essa falta de acesso foi devido ao fato de que o determinava o artigo nº 179, lamentavelmente não saiu das páginas constitucionais. O Império ficou num impasse frente a definição de como inserir as pessoas pobres livres, negros escravos livres e libertos no processo de formação formal, o que somente a partir do Ato Constitucional de

1834, em que as províncias assumiram a responsabilidade quanto à instrução primária e secundária, mas que foi designada especialmente para jovens e adultos (STRELHOW, 2010).

No decorrer do tempo, outras reformas aconteceram, como a reforma Leôncio de Carvalho, em 1879, e, posteriormente, a Lei Saraiva, em 1881, ambas restringiam o voto às pessoas alfabetizadas, o que na época repercutiu em grande discussão devido ao fato de que soava como preconceito e exclusão de direitos da pessoa analfabeta. Tendo por base essa discussão, em 1891, o voto passou a ser restrito às pessoas letradas e com posses, o que acabava por constituir uma pequena minoria da sociedade na época. No ano de 1915, foi criada a Liga Brasileira contra o Analfabetismo que pretendia lutar contra a ignorância para estabilizar a grandeza das instituições republicanas, visto que o analfabetismo era considerado uma praga que deveria ser exterminada e havia a necessidade de fazer com que a pessoa analfabeta se tornasse um ser produtivo que contribuísse para o desenvolvimento do país. Já em 1929, a partir da crise cafeeira, acontece uma mudança na economia, onde o capital passa a ser empregado, não só no sistema agrário, mas também ocorre à estimulação de investimento no setor industrial, o que gera uma mudança econômica, que impacta em mudanças no âmbito da educação com o surgimento dos ideais da Escola Nova (STRELHOW, 2010).

No Governo de Getúlio Vargas, com o “Estado Novo”, despertou-se o interesse por organizar a educação, com vistas a atender o setor produtivo, em um período de necessidade em atender a demanda industrial. A Constituição de 1937 tirou a responsabilidade do Estado para com a formação educacional no país, favorecendo somente o ensino profissionalizante, objetivando capacitar os jovens para executar trabalhos como “máquinas”. Um ensino sem dispor de conhecimento científico, que não despertava na população um senso crítico (NASCIMENTO, 2013).

Ainda nesse âmbito, percebeu-se que não era interessante para o governo ofertar educação de qualidade para a população. O que, segundo o entendimento de Refufels (apud NISKIER, 1989):

O governo não queria, de fato, educar ninguém. O que se desejava era preparar mão-de-obra para o mercado, sem espírito crítico. Como se sabe,

em educação, se desvirtuamos a capacidade crítica do homem, ele não terá a motivação necessária para desenvolver sua alfabetização [...] (REFUFELS, apud NISKIER, 1989, p. 371-372).

Durante a década de 1950, o Brasil vivenciou um processo de mudanças em sua economia, com a crescente urbanização e industrialização do país, nessa vertente de crescimento, a educação também precisava acompanhar essa evolução que era positiva para a população. Dessa forma destacou-se, então, a proposta de Paulo Freire frente à alfabetização dos jovens e adultos, em um método que se baseava em buscar compreender experiências de vida dos alunos, fazendo com que o indivíduo adquirisse consciência crítica (BELUZO; TONIOSSO, 2015).

[...] na década de 1950 o método de Paulo Freire que em uma concepção libertadora, considerava a realidade em que o aluno estava inserido para promover sua emancipação da condição de oprimido para a de cidadão crítico e atuante na sociedade (BELUZO; TONIOSSO, 2015, p.197).

Com a implantação do regime militar, a partir de 1964, novas mudanças aconteceram na educação e o país vivenciou, então, a ruptura da proposta de Freire na educação, quando, em 1967, surgiu a alfabetização pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), na qual a ideia era fazer ler e escrever, através de cartazes e fichas, não se baseava em diálogo, pois não era foco dar ao aluno uma visão de mundo crítico e interventor.

Somente no século XX, que a EJA foi mais valorizada, com o crescimento da industrialização, os grandes centros urbanos tornavam-se atrativos, e a população tinha o interesse em melhorar a qualidade de vida e para isso fazia-se necessário saber ler e escrever, o que, então, fez com que os espaços na área da EJA fossem ampliados, consideravelmente. Contudo, com o fim do Mobral, em 1985, e com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o Estado passou a ter comprometimento com a Educação de Jovens e Adultos, assumindo a sua responsabilidade (NASCIMENTO, 2013).

Com base no histórico, falar da Educação de Jovens e Adultos deve ser pautada no pensamento de que essa modalidade de ensino deve ir além do apenas ter como ação o letramento. Pois, estar alfabetizado é uma condição que dignifica qualquer pessoa. Essa situação reflete a mesma citada por Demo (2006, p.7), quando ele afirma, de forma clara, que a leitura é parte de ser cidadão.

Lemos para dar conta da realidade e de todos os desafios que dela recebemos ou a ela nos impomos. A cidadania é a referência maior. Uma democracia de qualidade só é possível com uma população que sabe pensar. Saber pensar inclui, entre outros ingredientes, saber ler.

E, sim, saber ler e escrever torna-se vital para a diversidade de muitas situações. É a oportunidade de muitos no auxílio ao estudo das crianças. É a oportunidade de participar mais efetivamente de reuniões comunitárias, saber elaborar e ter argumentos para poder opinar, decidir, votar e sentir maior segurança para comentar os acontecimentos atuais.

Referindo-se agora a um marco histórico, a Educação de Jovens e Adultos é considerada recente no Brasil, baseada na análise da retrospectiva sobre as Políticas Educacionais, na qual a EJA vem sendo reconhecida como um direito, desde 1930. Continuando sua história, nas décadas seguintes, de 1940 e 1950, ela ganhou relevância no cenário educacional, a partir da realização de Campanhas de Alfabetização, dos Movimentos de Cultura Popular, em 1960, da implantação do Ensino Supletivo, nos governos militares, da criação da Fundação Educar, bem como a ampliação do dever do Estado para garantir o direito de escolarização para jovens e adultos, com a promulgação da Constituição Federal de 1988. Por conseguinte, com a elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, um novo avanço foi observado, onde o objetivo foi buscar uma nova concepção dessa modalidade de ensino, fazendo a substituição da ideia de Educação Supletiva pela Educação de Jovens e Adultos, para melhor evolução desse processo, ficou definido o Estado como responsável maior, em criar condições propícias para a oferta da EJA (PALHETA; REIS, 2008, p. 26).

O Parecer nº 11/00 do Conselho Nacional de Educação (2000, p.5) diz que,

[...] a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea.

Estar na Educação de Jovens e Adultos é a oportunidade de buscar novos conhecimentos. É a oportunidade de melhorar a qualificação para a inserção ou progressão no mercado de trabalho, visando à melhoria de qualidade de vida e bem

estar. Ter a possibilidade de começar ou recomeçar os estudos faz-se necessário, por favorecer a qualificação profissional e agregar conhecimentos que contribuam para que o indivíduo possa criar ou aprimorar o seu senso crítico e reflexivo diante de assuntos que fazem parte de seu dia a dia.

Nesse âmbito, Freitas (2010, p.8) acredita que,

[...] a EJA surgiu como uma alternativa à escola tradicional, escola esta que havia expulsado aqueles que haviam "perdido" a época regular de fazerem seus estudos e que focalizou muitas vezes as razões desta expulsão em traços ou características individuais das pessoas. Surgiu, também, dentro dos movimentos sociais, constituindo-se em uma mediação das reivindicações por chances e possibilidades iguais de acesso ao mundo letrado, visando à construção – através das discussões e reflexões mediatizadas pelo aprender a ler o mundo – de tipos de resistência à ideologia dominante. Assim, as diferentes parcelas da população em geral, ao poderem aprender e "ler o mundo", poderiam, então, aprender a tecer críticas, encontrar alternativas ao que lhes era imposto e fazer cultura, transformando-se em agentes da sua própria história.

Assim, estar na EJA, para o cidadão adulto, é, para alguns, uma oportunidade de começar e, para outros, recomeçar os estudos e adquirir os conhecimentos fundamentais e básicos ensinados em sala de aula e que, de certa forma, contribuem para uma construção diferenciada de suas expectativas de mudanças futuras de vida. É a oportunidade de iniciar ou retomar o estudo, criando momentos de possibilidades de socialização, de aprender conteúdos e por que não dizer de ganhar certa independência. Afinal, saber ler e escrever impulsiona e motiva, no pensar que a formação escolar está ligada a conquista de uma vida melhor.

Em qualquer modalidade de ensino é preciso que as práticas de ensino deixem de ser taxadas como serviço bancário, em uma visão de depósito. Pois, o aluno deve ser visto como além daquele que está em sala de aula somente para receber conhecimentos, como se sua mente fosse um depósito. O autor ainda complementa dizendo que este pensar na prática do ensinar deve ser mudado, visando permitir que o aluno como participante do processo possa ter na educação ação para criar e recriar, buscar significados e ressignificados, a partir da troca de saber do professor para com ele (FREIRE, 1979, p. 130).

Dessa forma, para o aluno da EJA, o ato de aprender depende, também, de que ele esteja preparado para esse processo e tal preparo ocorre a partir do momento que o aluno começa a perceber o real significado que a informação repassada pelo docente tem para ele, para incorporá-la vivencialmente. Assim, ministrar aulas, com o ensinamento dos conteúdos de cada disciplina, na EJA, deve ser direcionado ao pensamento de que o docente deve trabalhar com algumas atividades que possam,

de certa forma, relacioná-las com o dia a dia, com a rotina, com o cotidiano do aluno, pois desvincular os conteúdos da realidade nesse ensino, traz à tona, em alguns momentos, o processo de abolição da sala de aula do contexto da realidade desses alunos. Pensar na associação ensino x realidade é buscar trazer à prática da vida, como por exemplo, fazer compras, pode se associar essa atividade diária com o ensino da matemática. Deste modo, nesse contexto, Piaget (1973, p.98-99) afirma que,

[...] todo estudante normal é capaz de um bom raciocínio [...] matemático se sua atenção está concentrada sobre os assuntos de seu interesse, e se por esse método as inibições emocionais, que com frequência fazem-no sentir-se inferior nessa área, são removidas. Na maioria das aulas [...], toda a diferença está no fato de que se pede ao estudante para aceitar uma disciplina intelectual já totalmente organizada fora dele mesmo, ao passo que, no contexto de uma atividade autônoma, ele é chamado a descobrir as relações e idéias por si mesmo, a recriá-las até que chegue o momento de ser ensinado e guiado.

É importante destacar que a informação passada e repassada deve levar em consideração parte do contexto pessoal do aluno da EJA, haja vista que, dessa forma, é possível fazer com que se torne verdadeiramente significativa para o aprendizado do público inserido nessa modalidade de ensino.

A educação tem o compromisso de desenvolver uma formação competente, onde seja possível construir uma ligação que aproxime o saber científico, de forma significativa, para a vida do aluno, por ser esta uma das bases para a formação de um cidadão crítico.

Afinal, como filosofou Antunes (2001, p.08),

O homem transformado, consciente e crítico, capaz de fazer do seu conhecimento e de sua inteligência uma nova ferramenta para compreender a natureza e sua interação com a vida humana, é uma pessoa feliz. Essa felicidade social é tudo quanto desejamos para nossos alunos. Sonhamos para nossos filhos nada mais do que isso.

Na educação, valem as tentativas de inovar, criar e recriar. Valem às tentativas de mudanças, visando sempre melhorar o processo de ensino-aprendizagem, afinal, o ato de ensinar não ocorre através de situações prontas, fechadas e definitivas, ele pode ocorrer em um processo de reflexão contínua sobre as diversas possibilidades de ensinar e de aprender. A respeito desse assunto, André (2002, p.22) destaca que:

Se o arranjo habitual no espaço de sala de aula não funciona com esses alunos, se os livros e materiais didáticos não são adequados para eles, se, enfim, as atividades planejadas não os motivam, e preciso modificá-las incentivar novas formas e experimentar assumir o risco de errar e dispor a corrigir. Diferenciar é, sobretudo aceitar o desafio de que não existem receitas prontas, nem soluções únicas; é aceitar as incertezas, a flexibilidade, a abertura das pedagogias ativa que em grande parte são construídas na ação cotidiana.

É válido, para o professor, criar e recriar quando ele está ensinando e analisar se o conteúdo realmente está sendo aprendido pelos alunos. Se não está, o professor deve buscar estratégias que possam melhorar a transmissão do saber e favorecer positivamente o ensino-aprendizagem. O docente pode fazer com que o estudo se torne interessante para o aluno, quando ele consegue dinamizar o ensino e tornar o ato de estudar algo agradável, mostrando que é necessário e importante para a vida.

Complementarmente sobre o assunto, Paro (2000, p.35) reflete que:

[...]. Talvez o problema com grande número de educadores é não perceber a insuficiência dos argumentos racionais para interessar os alunos pelo estudo. Parece que não basta à motivação extrínseca, tentando fazer o estudante interessar se pelos estudos porque isto é bom para o futuro, ou mesmo que “estudar é gostoso”. É preciso fazer uma escola que estudar seja de fato gostoso.

Ainda convém dizer que a educação é uma ação que privilegia a aprendizagem, bem como o exercício de valores sociais, morais e éticos, existente em cada ambiente, o qual o cidadão faz parte. Estes elementos acabam por contribuir para a formação de cidadãos que desejam, sonham, transformam e realizam uma sociedade mais igualitária, solidária e democrática, fazendo valer o seu papel de cidadão ao contribuir também para o desenvolvimento do país.

O não aprendizado do ler e escrever rebate na busca da EJA em tempos futuros, assim, paralelamente, cabe aqui falar da alfabetização, na qual Freire (1990, p.23) define que:

Alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global.

A LDB, em seu contexto, contribui quanto à implementação da EJA, quando faz a definição de que essa modalidade de ensino é aquela destinada às pessoas que não

tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e, conseqüentemente, no Ensino Médio na idade própria (LDB Nº 9.394/96).

Com base nas leituras realizadas para desenvolver esta pesquisa, fica claro dizer que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que tem por objetivo permitir que pessoas que não tiveram oportunidade de acesso à escola ou que por algum motivo foram impedidas de concluir os seus estudos em tempo normal pudessem ter acesso à escola. Face ao fato de que, por alguma circunstância da vida, essas pessoas tiveram interrompido ou não tiveram a oportunidade de frequentar a escola em um período considerado “normal” à idade.

2.2.1 Aluno da EJA: Desafios para conquistar uma formação

Pensar a EJA é perceber também que o ensino e o aprendizado também podem ser realizados de forma compartilhada, onde o aluno se torna mais ativo e participante em sala, a partir de sua vivência. Associando o ensinamento teórico acadêmico com a sua rotina diária e tentando, portanto, romper as dificuldades do processo de aprendizado.

[...] mudanças nem sempre são compreendidas e vistas como desejáveis e viáveis pelo professorado. Certamente, em muitos casos, a ausência de recursos e de apoio, a formação precária, bem como as desfavoráveis condições de trabalho constituem fortes obstáculos para que as preocupações com a cultura e com a pluralidade cultural, presentes hoje em muitas propostas curriculares oficiais (alternativas ou não), venham a se materializar no cotidiano escolar. Mas, repetimos, não se trata de uma tarefa suave (FÁVERO; IRELAND, p. 39)

Desta forma, o aluno precisa ser reconhecido como parte importante do ensino-aprendizagem e não um mero coadjuvante. O Parecer nº 11/00 do Conselho Nacional de Educação (2000, p.55) diz que, “[...], é preciso que em qualquer nível formativo se dêem correlações entre os conteúdos das áreas de conhecimento e o universo de valores e modos de vida de seus alunos”.

Destacando os desafios, cabe aqui dizer que questões socioeconômicas podem afetar a permanência de um indivíduo na escola, na qual alguns acabam por ter a necessidade de trabalhar, com fins de ajudar à família, outros por vínculos familiares rompidos não encontram apoio, incentivo ou suporte para continuar a estudar e

acabam desistindo de estudar. Existem, ainda, situações de envolvimento com criminalidade e drogas, situações de gravidez na adolescência, as quais cada uma delas é um agravante quanto a justificativas negativas que favorecem, por exemplo, a evasão escolar. Essas são algumas situações que, muitas vezes, parece não fazer parte da realidade, mas que é muito comum na sociedade em que vivemos.

(...) precisamos criar possibilidades para novas inserções e aprendizagens e, mais do que tudo, entender que esse sujeito, quando procura ou retorna a uma classe de EJA, está nos dando uma chance incomensurável de provar que o sistema educacional brasileiro, no conjunto de seus atores, não é distintivo. Acredita, deseja e investe em uma educação para todos (RIBEIRO, 2010, p. 3).

Afinal, o público da EJA é formado por sujeitos que foram privados do acesso escolar, por motivos variados e, hoje, na retomada dos estudos, precisam ser respeitados em suas dificuldades, bem como serem conhecidos e entendidos, para que nessa oportunidade de formação, suas necessidades específicas possam ser consideradas para que, dessa forma, a aprendizagem ocorra de modo dinâmico e satisfatório, criando um interesse por concluir o ensino.

2.2.2 Relação ensino X aprendizagem na EJA

A relação do binômio ensino X aprendizagem, pode ser caracterizada de formas diferenciadas, ao determinar qual é o papel do professor e qual é o papel do aluno, com vistas de que o professor é aquele que transmite e o aluno é o receptor do conhecimento. É possível manter essa relação tão harmoniosa, com benefícios para os personagens envolvidos nesse processo? Parece simples de entender e parece que sua funcionalidade é excepcional, sem problemas e sem conflitos.

O ato de ensinar é visto que uma arte, no qual o desejo de aprender parte de cada, ele é a demonstração de interesse e vontade de desenvolver e de enriquecer o conhecimento. Contudo, para chegar a essa compreensão da essencialidade da educação para a formação de um cidadão, faz-se necessário que aquele que ensina faça do processo um momento onde a participação e o envolvimento de todos seja fundamental, o professor deve tornar o momento de ensinar uma prática agradável e dinâmica, principalmente quando focamos no aluno da EJA. Pois, esse aluno hoje conduz a sua rotina de vida com os ensinamentos adquiridos pelo tempo vivido, sem

a cultura do que é práxis adotada em escolas. Assim, ao buscarem a EJA, eles querem adquirir, aprimorar ou complementar o seu saber, em um processo de conquista da oportunidade de crescimento pessoal e/ou profissional, a fim de melhorar a sua condição de vida e de sua família.

Tal afirmação vai de encontro ao que diz Piaget (1958, p. 201), onde explica que:

O ser humano desde o seu nascimento se encontra submerso em um meio social que atua sobre ele do mesmo modo que o meio físico. Mais, ainda, em certo sentido, que o meio físico, a sociedade transforma o indivíduo em sua própria estrutura, porque não somente o obriga a reconhecer fatos, mas lhe fornece um sistema de signos completamente construídos que modificam seu pensamento, propõe-lhe valores novos, e impõe-lhe uma cadeia indefinida de obrigações.

Partindo desse princípio, é possível entender que o indivíduo tem a sua formação social que é de origem do círculo de vivência a qual ele faz parte, mas, sua vida não se resume a esse ambiente a qual ele está familiarizado e acostumado. Automaticamente, ele precisa expandir e viver situações que requerem a participação em outros grupos sociais. E quando isso acontece, o indivíduo precisa conhecer novos valores, novos saberes para se adequar ao novo mundo social. Nessa situação, é importante então que o professor possa apresentar ao aluno da EJA a associação do ensino com a realidade, mostrando que com a construção do saber, por assim dizer,

[...] é necessário superar a ideia de que a EJA se esgota na alfabetização, [...] [...] Visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a ela recorrem torna-se, pois, um caminho renovado e transformador nessa área educacional. (ARBACHE, 2001, p. 22).

Entretanto, para os jovens e adultos retornar aos estudos e permanecer estudando, com o entendimento da importância do estudo didático para sua vida não é uma tarefa fácil, pois, esse aluno precisa superar as suas dificuldades no processo de aprendizado e ainda buscar o equilíbrio quanto aos fatores externos ao ambiente escolar que também ocasionam as suas dificuldades de aprendizagem.

2.2.3 Atuação do professor na EJA: Um fazer diferente

Primeiramente, para um fazer diferente é importante que o professor possa desenvolver atividades que não fazem parte de sua rotina. De acordo com os

Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 46), os jogos é uma opção de diferenciar o estudo, apropriando-se de um ensinar mais interessante e atrativo para o aluno.

Os jogos constituem uma forma interessante de propor problemas, pois permitem que estes sejam apresentados de modo atrativo e favorecem a criatividade na elaboração de estratégias de resolução e busca de soluções. Propiciam a simulação de situações problema que exigem soluções vivas e imediatas.

Dentro dessa ótica, o professor pode também, por exemplo, privilegiar as atividades espontâneas do aluno e apresentá-lo à descoberta da associação do estudo à sua rotina de vida onde, assim, ele traz momentos que possibilitam-no refletir as suas potencialidades para poder aprender, certo de que nem tudo é tão difícil quanto parece, mas que também não se pode achar que é impossível conseguir. Criando, então, novas possibilidades de aprendizagem a partir de um ambiente favorável. Segundo Moran (2000, p.2), “ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade [...], menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e comunicação”. O autor ainda completa dizendo que:

O professor é um facilitador, que procura ajudar a que cada um consiga avançar no processo de aprender. Mas tem os limites do conteúdo programático, do tempo de aula, das normas legais. Ele tem uma grande liberdade concreta, na forma de conseguir organizar o processo de ensino-aprendizagem, mas dentro dos parâmetros básicos previstos socialmente (MORAN, 2000, p.2).

É uma realidade dizer que a EJA, pelo seu público alvo, exige do professor conhecimentos mais específicos, para atender melhor essa clientela tão diversificada culturalmente e conquistar os resultados almejados (ARBACHE, 2001).

Não somente para a EJA, mas para qualquer modalidade de ensino, o professor deve buscar incrementar seus conhecimentos, a partir de atualizações e capacitações. Afinal, faz-se necessário que ele se esforce para poder colocar em prática métodos mais dinâmicos e adequados que se apliquem ao seu processo de ensinar (PINTO, 2000).

Conforme Freire (2000), cabe a sugestão aos educadores quanto à construção de uma postura mais dialógica e dialética e não mecânica, que contribua para a transformação das realidades sociais históricas e opressoras, que desumanizam a

todos, pelo autor afirmar que a educação é aquela que visa à humanização, partindo sempre da realidade do educando.

Ora, mas a resolução não está, simplesmente, em culpabilizar o professor e pedir que mude sua concepção de ensinar e reformule a sua didática. Afinal,

Como apresentado nas bases históricas da EJA, o Brasil tem uma experiência significativa na área e um acúmulo de conhecimento voltado para métodos, técnicas alternativas de alfabetização de educação de jovens e adultos. E tais experiências, salvo exceções, não conseguiram se traduzir em material didático específico voltado para a educação de jovens e adultos, em especial para além do processo alfabetizador. Assim, as instituições de nível superior, sobretudo as universidades, têm o dever de se integrar no resgate desta dívida social abrindo espaços para a formação de professores, recuperando experiências significativas, produzindo material didático e veiculando, em suas emissoras de rádio e de televisão, programas que contemplem o disposto no art. 221 da Constituição Federal de atendimento a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas. No caso dos sistemas públicos, nunca é demais lembrar o art. 67 da LDB e, para todos os estabelecimentos privados ou públicos, o princípio da valorização do profissional da educação escolar está posto na Constituição e na LDB (PARECER nº 11/00, CNE, 2000, p.55).

A pensar que também, segundo Lopes (2000) a vivência do cotidiano escolar evidencia a necessidade de participação do professor na construção dos objetivos educacionais estabelecidos nos currículos, para que esses se tornem vinculados à realidade social e se mostrem como elos significativos com as experiências de vida dos alunos, assim como seus interesses e necessidades.

O interesse do aluno pelo estudo poderá surgir de forma mais significativa quando ele passar a perceber que o conhecimento que ele adquire na escola contribuirá para a sua formação de cidadão e funcionará como caminho para a construção de um futuro melhor como, por exemplo, uma melhor possibilidade de colocação no mercado de trabalho.

O professor não precisa forçar o aluno a fazer lições, deve mostrá-lo que fazer a lição é uma forma de estudo e aprimoramento do que se está sendo aprendido em sala de aula. A não realização de uma atividade não deve ser vista, de imediato, como negativa, julgando-se o aluno, como aquele que não tem interesse em aprender. Deve-se buscar saber o porquê da não realização da atividade e trabalhar com esse aluno para que ele possa realizá-la.

Algo a ser pensado em um fazer diferente refere-se a uma ação educacional, onde o professor, diante de dificuldades dos alunos, usa-se de situações-problemas que envolvam o cotidiano, para que o conteúdo faça sentido para os alunos e que estes se sintam motivados a participar, a acompanhar e a realizar tarefas referentes à disciplina.

3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

3.1 TÉCNICAS DA PESQUISA

Realizar uma pesquisa é uma forma de procurar respostas para algum problema proposto e que demanda uma solução. Assim, a pesquisa a qual trata está dissertação é de cunho exploratório, que conforme Gil (2002, p. 41), o objetivo deste tipo de pesquisa é “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, possuindo menor rigidez no planejamento, envolvendo levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de casos.”

A abordagem trata-se da qualitativa, intermediada pelo estudo de caso, tendo como procedimento para a coleta dos dados, a entrevista semi-estruturada (Apêndice B e C). Referenciando, assim, a abordagem qualitativa, Neves (1996) explica que ao longo do seu desenvolvimento ela costuma ser direcionada, sem buscar enumerar ou medir eventos. Sendo que, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise dos dados, fazendo parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Essa colocação do autor, vem de encontro ao que afirma Goldemberg (1997, p. 53) que sinaliza que “os dados qualitativos consistem em discussões detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos.”

Em referência ao estudo de caso, que faz parte da proposta de trabalho desta pesquisa, Gil (2002, p. 54) explica que “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, [...]”

Com relação à coleta dos dados, foi elaborada uma entrevista semi-estruturada, aplicada aos professores e alunos da EEEF Campinho, no ano de 2016. A escolha do roteiro do questionário teve por base as colocações de Hamilton (1982) onde diz que a palavra é o meio essencial para as relações interpessoais, entre indivíduos, famílias, raças ou nações, em a que dominação da técnica de entrevista passa a ser básica, quando observamos o trabalho por vários aspectos, fazendo-se necessário conhecer a natureza do problema apresentado e do alvo a ser atingido,

quer seja para obter informações ou para motivar a mudança de atitude e até mesmo de comportamento, para que então, assim, seja definido o emprego de técnicas especiais.

Outro detalhe importante referente à entrevista e que é válido destacar se refere ao “termo de compromisso” (Apêndice A), na qual o entrevistado permitiu a publicação da entrevista, mantendo-se o seu anonimato.

Conceitualmente, Marconi e Lakatos (2001, p. 43-44) explicam que a pesquisa bibliográfica,

[...] trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

Segundo Rauen (1999), a análise dos dados é a parte do processo de pesquisa que apresenta os resultados obtidos na pesquisa e analisa-os sob o crivo dos objetivos. A apresentação dos dados é a evidência das conclusões, sendo que a interpretação destes consiste no seu contrabalanço com a teoria. Para isso, dando margem ao entendimento sobre a interpretação e análise do conteúdo dos dados coletados, a ideia, a princípio, é trabalhar com a elegibilidade de categorias dos referidos dados, para uma reflexão mais profunda da discussão tema deste estudo.

Desta forma, foi possível realizar a interpretação e análise de conteúdo dos dados coletados a partir das entrevistas. Onde, para uma melhor contextualização, os dados foram remetidos a categorias de classificação, na qual considerei eleger quatro categorias para análise, a saber:

- Categoria 1: Reprovação e evasão: retomando os estudos na EJA.
- Categoria 2: Apontamentos das dificuldades para ensinar e aprender na modalidade de ensino EJA.
- Categoria 3: Elementos desmotivadores para o aluno no processo ensino-aprendizagem na EJA.

- Categoria 4: Ensinar, Pensar em sair do básico e diversificar o ensino com dinamismo para facilitar o aprendizado do aluno da EJA.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental “Campinho” é uma instituição de ensino público, mantida pelo Governo do Estado do Espírito Santo, através da Secretaria de Estado da Educação e Esportes, estando situada à Rua Principal S/Nº, no Bairro Campinho da Serra I, Serra, Espírito Santo, em um prédio construído com dois pavimentos em alvenaria, contemplando um espaço físico conforme a descrição em Tabela 1.

Tabela 1: Descrição física/Ano 2016

TURMAS: MATUTINO	QUANTIDADE
Salas de aulas	11
Sala de recursos especiais	01
Sala pedagógica	01
Sala de coordenação escolar	01
Sala de professores com banheiros masculinos e femininos	01
Laboratório de informática	01
Secretaria escolar	01
Sala de direção escolar	11
Banheiro masculino para alunos	01
Banheiro feminino para alunas	01
Banheiro PNE	01
Cozinha escolar	01
Refeitório	01
Almoxarifado	01
Sala de serviços terceirizados	01
Quadra poliesportiva	01

Fonte: Arquivo do pesquisador

A E.E.E.F “Campinho” foi criada em 1985, no Governo do Dr. Gerson Camata, tendo como Secretário da Educação o Dr. Wilson Haese, visando atender a necessidade do bairro e demais comunidades vizinhas, a escola foi aprovada em 1986, para atender uma clientela de Pré a 8ª série e durante algum tempo também foram oferecidos também os cursos de Suplência (Supletivo de 1º Grau – SPG e Supletivo de Segundo Grau – SSG) e, posteriormente, o Curso de Suplência Fase II.

Atualmente, a organização funcional está delineada de outra forma, onde se registra a formação de 27 turmas, totalizando 879 alunos, nos três turnos de funcionamento da escola, sendo somente no turno noturno o funcionamento da EJA (Tabelas 2, 3 e 4).

De acordo com a Tabela 2, o período matutino possui 10 turmas, compreendendo períodos do 5º ao 8º ano do Ensino Fundamental, com o total de 289 alunos.

Tabela 2: Organização funcional/Ano 2016 – Turno matutino.

TURMAS: MATUTINO	QUANTIDADE
5º ano M01	26 alunos
5º ano M02	24 alunos
6º ano M01	25 alunos
6º ano M02	28 alunos
6º ano M03	27 alunos
7º ano M01	35 alunos
7º ano M02	37 alunos
7ª ano M01	24 alunos
7ª ano M02	28 alunos
8ª ano M01	35 alunos
10 turmas	Total: 289 alunos

Fonte: Arquivo do pesquisador

Conforme os dados da Tabela 3, identificado que o turno vespertino possui turmas que compreendem períodos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, somando 269 alunos matriculados. Um quantitativo de alunos menor que os matriculados no período matutino.

Tabela 3: Organização funcional/Ano 2016 – Turno vespertino.

TURMAS: VESPERTINO	QUANTIDADE
1º ano V01	28 alunos
1º ano V02	27 alunos
2º ano V01	25 alunos
2º ano V02	27 alunos
3º ano V01	29 alunos
3º ano V02	29 alunos
4º ano V01	36 alunos
4º ano V02	38 alunos
5º ano V01	30 alunos
09 turmas	Total: 269 alunos

Fonte: Arquivo do pesquisador

Quanto ao período noturno, nota-se na Tabela 4 um número maior de alunos, um total de 321 alunos matriculados, divididos entre a 1ª, 2ª e 3ª etapas, onde o maior número de alunos está centrada nas turmas da 1ª etapa, um total de 134 alunos.

Tabela 4: Organização funcional/Ano 2016 – Ensino Médio Modalidade EJA.

TURMAS: NOTURNO	QUANTIDADE
1ª ETAPA N01	44 alunos
1ª ETAPA N02	45 alunos
1ª ETAPA N03	45 alunos
2ª ETAPA N01	41 alunos
2ª ETAPA N02	41 alunos
2ª ETAPA N03	32 alunos
3ª ETAPA N01	37 alunos
3ª ETAPA N02	36 alunos
09 turmas	Total: 321 alunos

Fonte: Arquivo do pesquisador

Ainda, com base nas informações do ano de 2016, da EEEF Campinho, para atender às turmas supracitadas, a organização funcional, quanto aos professores, está estabelecido em contrato 48 profissionais nos três turnos de funcionamento da escola (Tabela5).

Tabela 5: Organização profissional/Ano 2016 – Professores.

DISCIPLINAS	TURNO / QUANTITATIVO PROFISSIONAIS		
	MATUTINO	VESPERTINO	NOITE
Núcleo Comum	02	09	00
Matemática	02	00	02
Artes	02	01	01
Língua Portuguesa	03	00	02
Ciências	03	00	00
Língua Inglesa	02	00	01
Geografia	02	00	00
Educação Física	01	01	01
AEE	01	00	00
História	01	00	01
E.R e A.L.E	00	01	00
Ensino Religioso	00	01	00
Alfabetização e Letramento	00	01	00
Sociologia	00	00	01
Biologia	00	00	01
Química	00	00	01

Física	00	00	01
Filosofia	00	00	01
Geografia	00	00	01
Quantitativo por turno	19	14	15
Quantitativo total	48 nos três turnos		

Fonte: Arquivo do pesquisador

Logo, verifica-se que em relação à Função Social da Escola, o coletivo da instituição educacional EEEF “Campinho” definiu no Projeto Político Pedagógico (2005) como transmitir e socializar os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, dando condições para que os alunos se produzam socialmente enquanto sujeitos históricos, críticos, participativos e criativos a partir de princípios norteadores, como: solidariedade, humanismo, ética, pluralidade cultural, diversidade e a busca da harmonia do ser humano com a natureza.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Para a realização e desenvolvimento deste estudo de pesquisa, o *lócus* escolhido refere-se à EEEF “Campinho”, nos quais os entrevistados foram 12 professores e 152 alunos da EJA que responderam a um questionário, sendo todos do período noturno.

Dos professores entrevistados, sete são do sexo feminino e cinco do sexo masculino, com formação superior variada e possuem uma média de 34,8 anos de idade (Tabela 6).

Tabela 6: Referência idade dos professores entrevistado.

IDADE		
MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA
28 anos	34,8 anos	43 anos

Fonte: Arquivo do pesquisador

Todos os entrevistados são contratados por Designação Temporária (DT), com média de 6,7 anos atuando como professor e 3,8 anos atuando como professor na Educação de Jovens e Adultos (Tabelas 7 e 8).

Tabela 7: Referência ao tempo de atuação profissional como professor.

TEMPO DE ATUAÇÃO		
MÍNIMO	MÉDIO	MÁXIMO
02 anos	6,7 anos	16 anos

Fonte: Arquivo do pesquisador

Tabela 8: Referência ao tempo de atuação como professor na EJA.

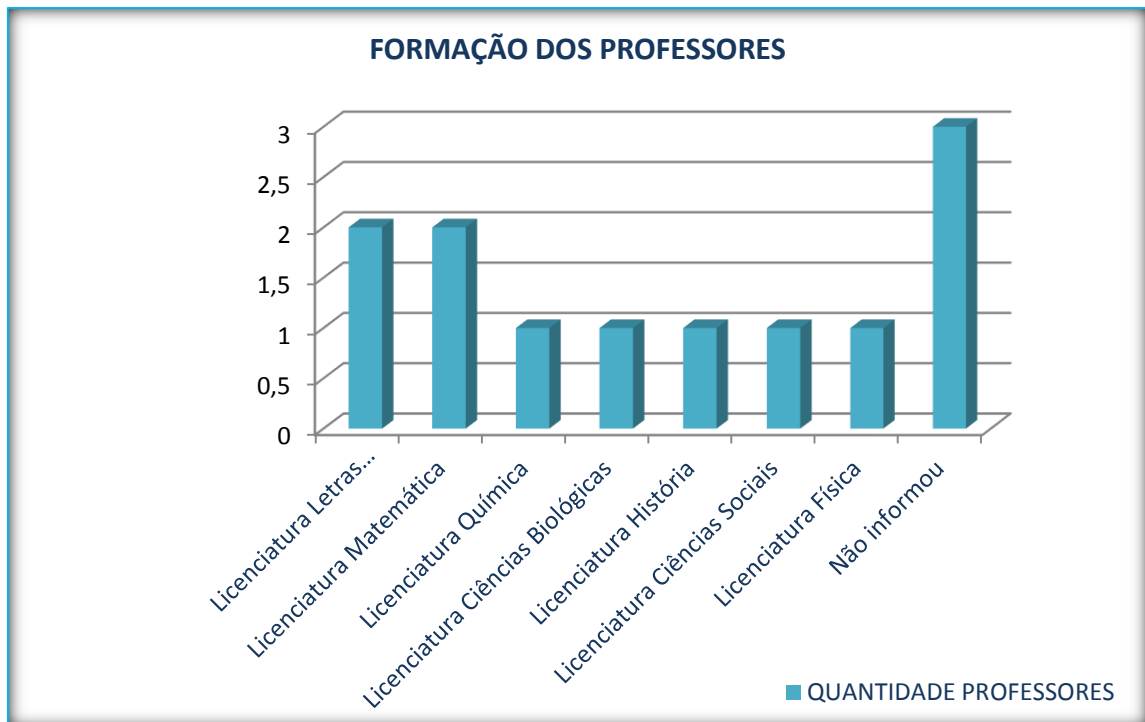
TEMPO DE ATUAÇÃO – EJA		
MÍNIMO	MÉDIO	MÁXIMO
01 ano	3,8 anos	09 anos

Fonte: Arquivo do pesquisador

Observando o Gráfico 1, identificamos que no período noturno os professores possuem as seguintes formações: dois professores com Licenciatura em Letras

Português/Inglês, dois com Licenciatura em Matemática, um professor com Licenciatura em Química, um com Licenciatura em Ciências Biológicas, um com Licenciatura em História, um com Licenciatura em Ciências Sociais e um com Licenciatura em Física. Dos doze professores entrevistados, somente três optaram em não informar sobre a sua formação acadêmica.

Gráfico 1: Referência de formação acadêmica dos professores.



Fonte: Arquivo do pesquisador

Dos 152 alunos entrevistados, especifica-se que todos fazem parte do ensino da Educação de Jovens e Adultos do turno noturno, compreendendo o 1º, 2º e 3º EJA. Sendo que 79 alunos são do sexo feminino, média de idade de 23,58 anos e 73 alunos são do sexo masculino, média de idade de 23,22 anos. A média de idade geral desses alunos é de 23,41 anos (Tabelas 9).

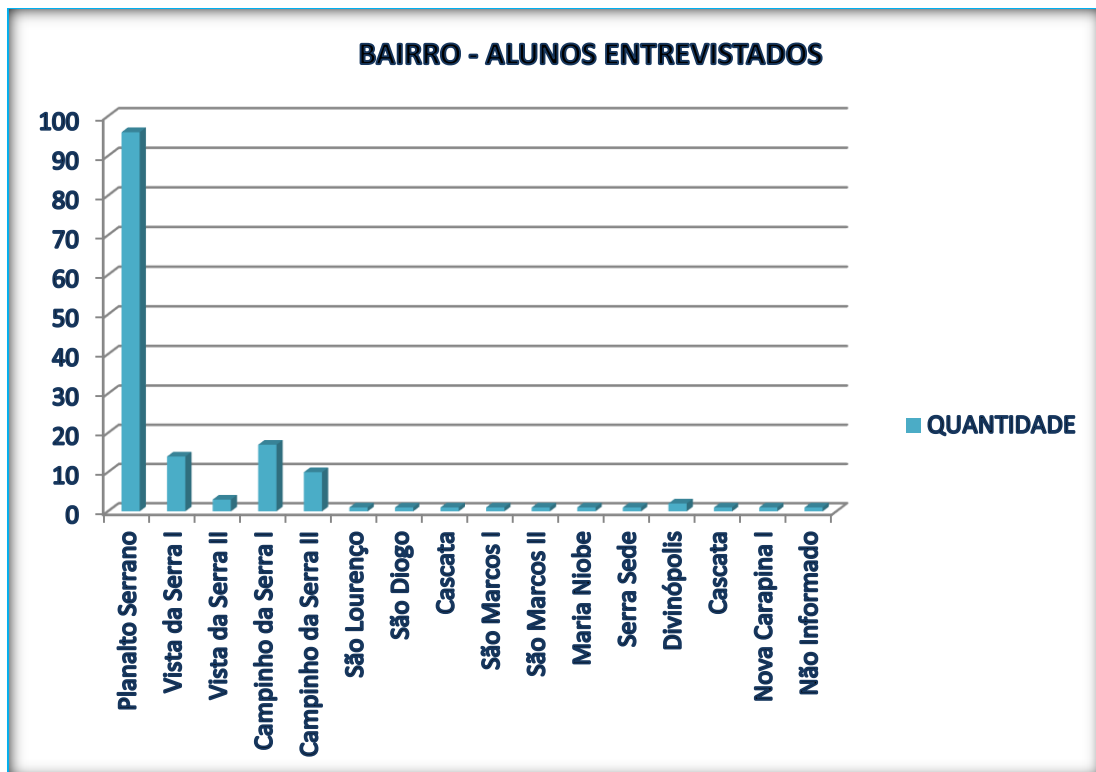
Tabela 9: Referência à idade dos alunos entrevistados

IDADE DOS ALUNOS			
	MÍNIMA	MÉDIA	MÁXIMA
Idade feminino	17 anos	23,58 anos	49 anos
Idade masculino	17 anos	23,22 anos	57 anos
Média geral	23,41 anos		

Fonte: Arquivo do pesquisador

Os 152 alunos entrevistados são residentes do município da Serra, sendo a maioria de moradores do Bairro Planalto Serrano, um total de 96 alunos, seguidos de 17 alunos residentes em Campinho da Serra I, 14 em Vista da Serra I, 10 residentes em Campinho da Serra II, 03 alunos em Vista da Serra II e o restante, um aluno, residente em cada um dos outros bairros especificados no Gráfico 2.

Gráfico 2: Bairro de residência dos alunos entrevistados.



Fonte: Arquivo do pesquisador

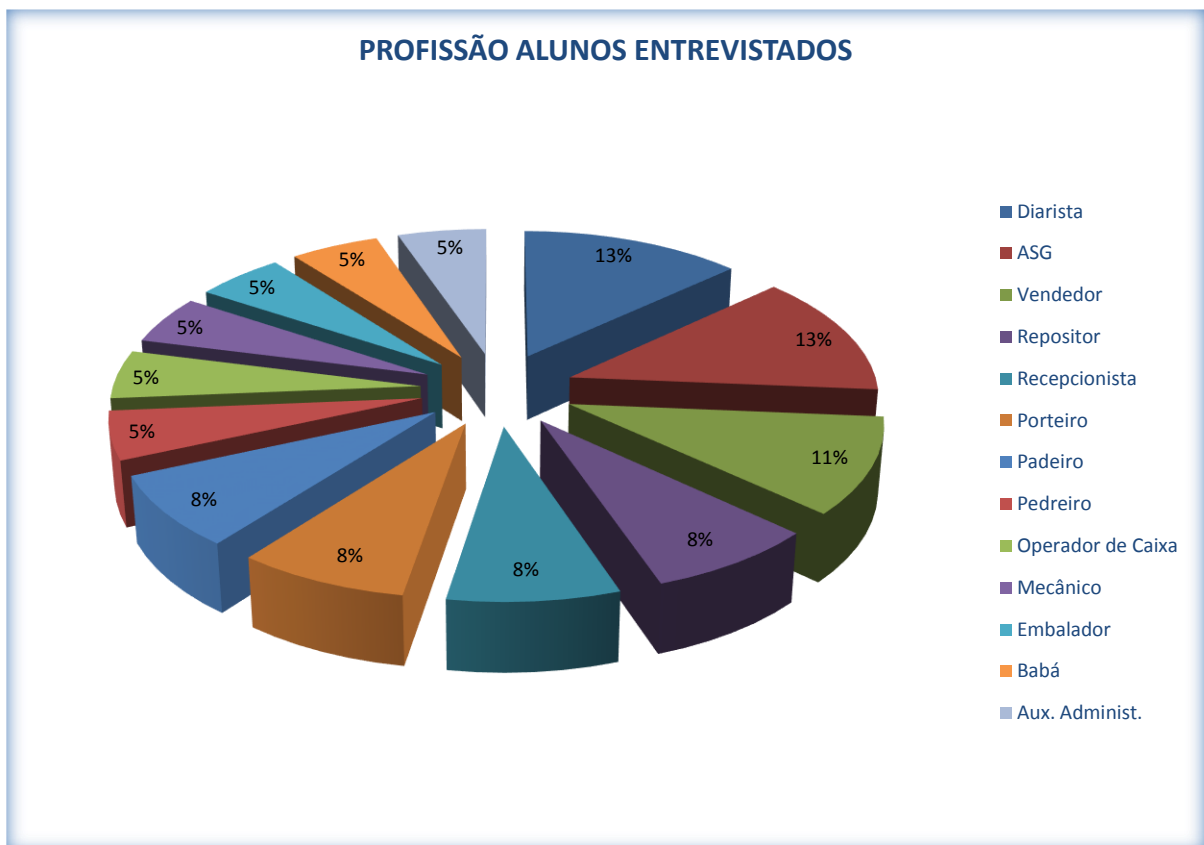
A maioria não trabalha, entre os entrevistados somente 68 alunos exercem alguma atividade no mercado de trabalho e possuem renda mensal média de R\$ 480,67.

Conforme dados do IBGE, no ano de 2015, a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total do município da Serra era de 31,6%, ocupando a posição 4 dos 78 municípios pesquisados no Estado do Espírito Santo. A pesquisa também apresentou que 32,9% da população serrana possuem rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa (IBGE, 2015).

Dentre os alunos estudados, identificou-se que nem todos estão inseridos no mercado de trabalho, do total de entrevistados 114 não trabalham e somente 38 exercem algum tipo de trabalho, seja no mercado formal ou informal. Assim,

constatou-se que dos alunos estudados que exercem algum tipo de atividade no mercado de trabalho, conforme o Gráfico 3, 13% correspondem a trabalhos como diarista, 13% como auxiliar de serviços gerais, 11% vendedor, 8% repositor, 8% porteiro, 8% recepcionista, 8% padeiro, 5% pedreiro, 5% operador de caixa, 5% mecânico, 5% embalador, 5% babá e 5% auxiliar administrativo, o que explica a baixa média de renda, visto que são profissões com baixa remuneração.

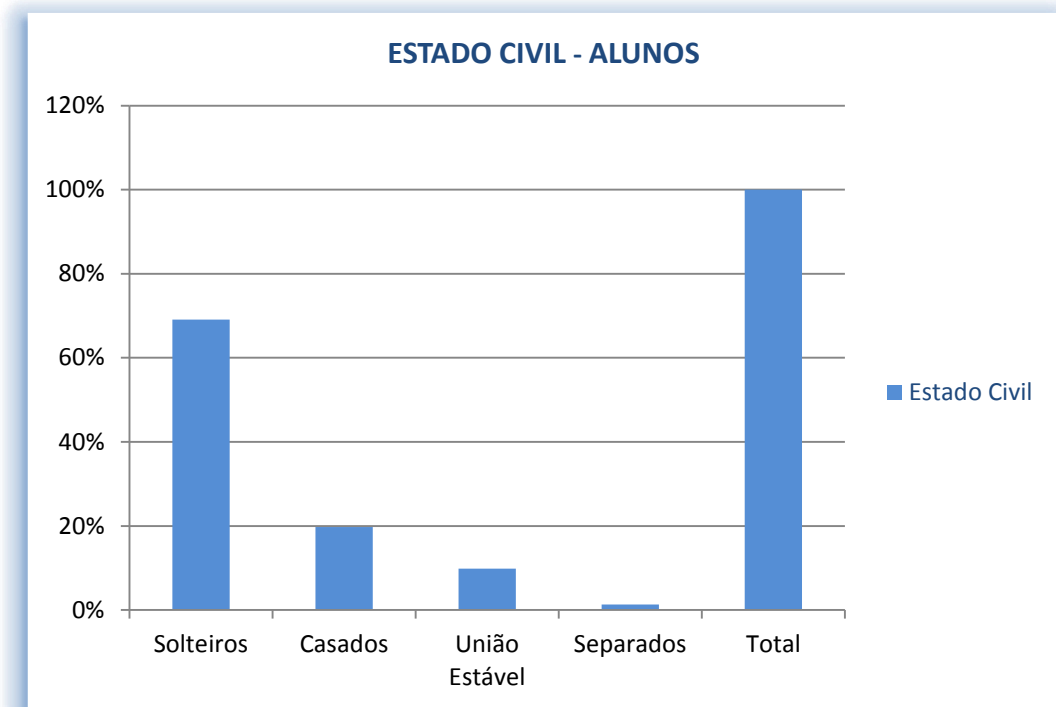
Gráfico 3: Profissão mais comum entre os alunos entrevistados.



Fonte: Arquivo do pesquisador

Do total de alunos entrevistados, em relação ao estado civil, foi quantificado que: 105 alunos são solteiros, 30 casados, 15 vivem em união estável e 02 são separados e somente 57 alunos possuem filhos, em uma média de 0,72 filho/aluno. O que pode influenciar na estatística referente ao estado civil dos alunos entrevistados é o fato de que a grande maioria não trabalha e é um público composto por pessoas jovens. Condições que também pode implicar na tomada de decisão quanto a formalizar uma união. Visto que existem responsabilidades inerentes à vida de um casal que eles precisam assumir quando resolvem constituir uma família.

Gráfico 4: Referência estado civil – alunos estudados.



Fonte: Arquivo do pesquisador

4.2 REPROVAÇÃO E EVASÃO: RETOMANDO OS ESTUDOS NA EJA

Situações como inserção no mercado de trabalho, gravidez, dificuldade de aprendizado, problemas familiares, entre outros, podem atrapalhar o aluno em seu tempo para estudar e desenvolver suas atividades escolares e, conseqüentemente, ele acaba reprovando ou evadindo (Tabela 10).

Neste estudo, o fracasso escolar é justificado por diversos fatores, contudo a maior incidência refere-se, no caso de evasão, à necessidade de trabalhar para complementar a renda da família, na qual 36% dos entrevistados apontaram este fator. A necessidade de trabalhar, em muitos casos, faz com que realmente o aluno abandone a escola, pois ele passa a ficar cansado com a rotina de trabalho e tem seus horários de dedicação ao estudo reduzido, ocasionando certa incompatibilidade de tempo e dedicação com as responsabilidades que ele se viu obrigado a assumir.

No caso de reprovação, o fator de maior justificativa confere à dificuldade de aprendizagem, apresentando esse fator em 23% dos entrevistados. Essa dificuldade

pode ser decorrente da falta de tempo para o estudo e da própria dificuldade do aluno.

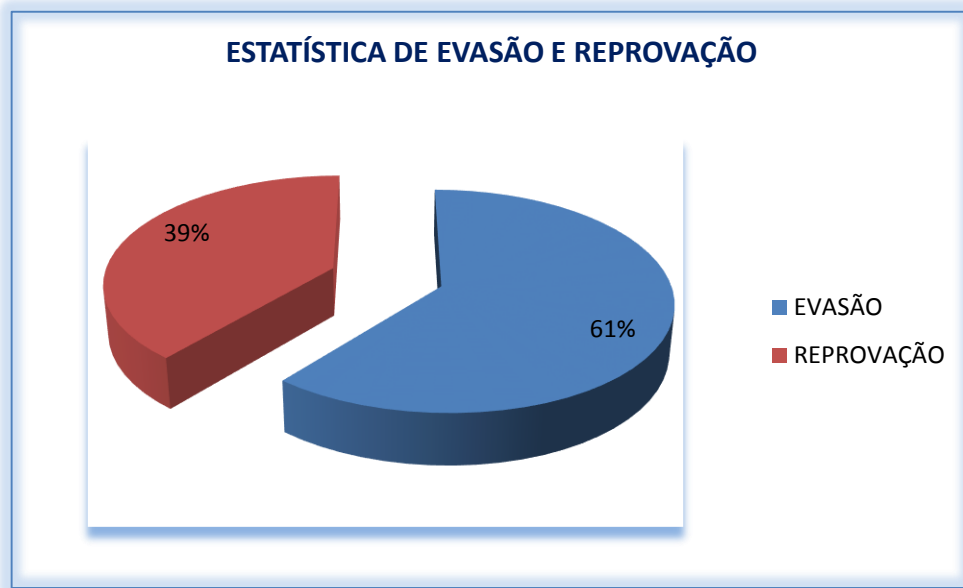
Tabela 10: Possíveis motivos que ocasionaram o fracasso escolar na EJA da EEEF de Campinho.

QUE OCACIONARAM O FRACASSO ESCOLAR	QUANTIFICAÇÃO	
	CASOS DE EVASÃO	CASOS DE REPROVAÇÃO
Trabalho	36%	17%
Gravidez	15%	3%
Desânimo	8%	5%
Dependência Química	1%	0%
Falta de tempo para estudar	3%	0%
Dificuldade de aprendizagem	0%	23%
Muitas faltas	0%	7%
Falta de interesse	8%	20%
Bullying	0%	2%
Problemas familiares ou pessoais	13%	5%
Mudança de endereço	9%	7%
Difícil acesso a escola	3%	2%
Falta de vaga	1%	0%
Ensino sem qualidade	0%	2%
Não justificou	3%	8%

Fonte: Arquivo do pesquisador

Para Hagge(2001), muitas pessoas que não concluíram o Ensino Fundamental no Brasil, encontram-se nessa condição devido a problemas relacionados à desigualdade social existente no país, onde as pessoas vivem à margem da sociedade, em condição de miséria, convivendo com o desemprego e, conseqüentemente, com a falta de condições dignas de vida. Estar nessa condição faz com que essas pessoas, em um período escolar, enfrentem mais dificuldades para estar na escola, que vai desde o acesso até a permanência, o que futuramente gera um número maior de alunos que adentram a modalidade de Ensino de Jovens e Adultos.

Gráfico 5: Motivo para reiniciar os estudos na EJA – alunos estudados da EEEF Campinho.



Fonte: Arquivo do pesquisador

De acordo com o Gráfico 5, verifica-se que na EEEF Campinho, dos 152 alunos entrevistados, quando questionados sobre o que ocorreu para precisar reiniciar os estudos na Educação de Jovens e Adultos, 39% responderam *reprovação* e 61% alunos responderam *evasão*. O que nos indica que a reprovação e a evasão não são fatos incomuns e que os fatores desencadeadores dessa condição de escolha, do aluno, para o fracasso escolar, perpassam por elementos que vão de encontro a expressões da questão social e econômica.

Fornari (2010) explica que [...] com a implantação do capitalismo, o processo de trabalho passou a exercer dominação sobre o trabalhador, proprietário da força de trabalho. E, com isso, toda uma série de problemas sociais apareceu na sociedade, tais como a evasão e reprovação escolar.

Especificamente, nesse estudo, o fracasso escolar tem fatores que são de ordem externa à escola e são oriundos de situações que envolvem questões sociais e financeiras do ambiente familiar. Portanto, quando se fala de reprovação e evasão escolar, precisa-se conhecer e compreender, quais foram os motivos que levaram o aluno a parar seus estudos e seguir outros caminhos em sua vida.

No universo dos alunos entrevistados, alguns fatores tiveram maior destaque na classificação das respostas quanto às justificativas referente à reprovação ou evasão escolar, assim convém por em apresentação algumas das justificativas na qual se destacam:

- ✓ 40% dos participantes responderam que é a inserção no mercado de trabalho, foi um dos motivos, podendo ser explicada por algumas falas dos alunos que representam bem essa realidade, relacionada à questão de necessidade de ter que trabalhar, ou seja, conciliar a atividade profissional com a escola, as quais podem ser lidas a seguir:

“Eu comecei a trabalhar na época e não estavado pra chegar no horário.” Aluno 31 – 2º EJA

“Muito trabalho, não consegui conciliar as duas coisa ao mesmo tempo.” Aluno 15 – 2º EJA

“Parei de estudar para trabalhar, morava com minha mãe e tinha que ajudar nas despesas.” Aluno 5 – 2º EJA

Logo, vale destacar que Souza; Tabosa (2015, p.8) afirmam que:

A grande maioria dos alunos evadidos aponta a incompatibilidade de conciliar os estudos com o trabalho, como sendo a causa de sua evasão, mesmo tendo consciência de que o estudo poderá gerar novas oportunidades sociais e de inserção no mundo do trabalho.

- ✓ 18% responderam “a falta de interesse pelos estudos”, sendo esta uma realidade na vida de muitos alunos, como se pode observar em algumas falas.

“Não quis estudar” Aluno 5 – 3ºEJA

“Falta de juízo. Mas agora pretendo termina.” Aluno 24 – 1ºEJA

“Para ser curto ‘desinteresse’.Mas si eu pudesse voltar atraz faria tudo diferente.” Aluno 32 – 3ºEJA

- ✓ 15% dos alunos responderam a ocorrência de gravidez.

“Desistir na minha gravidez aos 18 anos, e depois não consegui retornar porque não conseguia alguém que pudesse olhar minha filha a noite.” Aluno 21 – 3ºEJA

“Porque tive filhos muito cedo e sempre que tentava voltar a estudar não conseguia ninguém para ficar com eles na maioria das vezes.” Aluno 9 – 2ºEJA

“Porque eu engraviday e minha mãe morreu na epoca não aguenteya pressão acabei parando.” Aluno 19 – 1ºEJA

A gravidez na adolescência caracteriza-se também como fator de casos de reprovação ou evasão escolar, por ser este fato comum na vida de muitos adolescentes e jovens e, por isso, abandonam os estudos para vivenciar as circunstâncias da gestação e preparar-se para o mundo novo, seja da maternidade ou paternidade.

- ✓ 14% dos alunos responderam problemas familiares ou pessoais, como interferência no estudo e que ocasionou em alguns casos a reprovação e em outros a evasão escolar. Segue as falas:

“Eu tive que ficar fora por causa da minha tia que falou coisa que não devia pra a diretora.” Aluno 29 – 3ºEJA

“Na época meus pais eram separados então tive que trabalhar para manter meus gastos pessoais.” Aluno 1 – 3ºEJA

“Parei por que estava com problemas no casamento.” Aluno 20 – 1ºEJA

- ✓ 13% dos alunos responderam dificuldades de aprendizagem, sendo este a ser tratado de forma específica no decorrer da análise de resultados.

“Dificuldade no Aprendizado” Aluno 25 – 3ºEJA

“Dificuldade de aprender em certas matérias” Aluno 8 – 2ºEJA

“Não consegui obter os pontos adequados para a aprovação.” Aluno 14 – 3ºEJA

Porém, cabe aqui dizer que em grande parte dos casos, a existência de falta de cultura e alfabetização do núcleo familiar e, em alguns casos, a desestruturação familiar, a falta de recursos, que se expressam na falta de vestimenta, alimentação, habitação insalubre, dentre outros pontos negativos de qualidade de vida e bem estar convergem para que o aluno tenha um péssimo rendimento escolar e, conseqüentemente, adquira o resultado de reprovado, ou antes, disso prefira evadir (SOUZA; TABOSA, 2015).

Após a apresentação dos fatores destacados acima, nos questionários, convém dizer que eles fazem parte da realidade de muitos alunos que possuem dificuldades socioeconômicas. Esse problema acaba fazendo com que as pessoas tomem rumos na vida que fogem ao seu desejo e muitas vezes ao seu planejamento de vida.

Por exemplo, segundo Fornari (2010, p. 115), [...] a necessidade de trabalhar é entendida como um dos principais determinantes para a evasão escolar [...]. A necessidade de trabalho também faz sobrecarregar o aluno a um baixo desempenho na aprendizagem.

Nesse estudo verificou-se, de forma nítida, a ocorrência desses fatores apontados por Fornari como responsáveis pela evasão escolar.

Nessa pesquisa, não foi um número expressivo, mas, cabe aqui dizer que o envolvimento com a criminalidade e a dependência química reflete também no fracasso escolar, na qual somente um dos alunos colocou esta questão em evidência. Haja vista que esses problemas de ordem social fazem com que o aluno se relacione com outros ambientes, o qual não cabe à inserção no ambiente escolar para desenvolvimento de uma vida com conhecimento do certo e errado e assimilação do saber.

Um dos alunos, que respondeu o questionário, destacou:

“Saí por me envolver com drogas, na época o mundo do crime me encantava por isso resolvi sair.” Aluno 31 – 3ºEJA

A apresentação desse item foi considerada necessária para que se compreendam os motivos que fizeram com que muitos alunos retomassem os estudos na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos e conseguir analisar quais as dificuldades que perpassam por esse período de conclusão das etapas, para alcançar a formação educacional.

4.3 APONTAMENTOS DAS DIFICULDADES PARA ENSINAR E APRENDER NA MODALIDADE DE ENSINO EJA

O ato de ensinar e aprender tem suas dificuldades no cenário educacional que, para esse processo caminhar bem, faz-se necessário que o ambiente escolar propicie condições adequadas, tanto em termos de espaço físico, como em termos de materiais de estudo.

É importante, ainda, que o professor tenha condições de buscar capacitações e aprimoramento de seu currículo com estudos para qualificação em sua área de ensino.

Entendemos como relevante que o aluno receba atenção às suas dificuldades, com observação constante de rendimento, como forma de auxiliá-lo em seu processo de aprendizagem. Pois, muitas vezes o aluno deixa que seus problemas externos ao ambiente escolar se sobreponham à sua necessidade de continuar os estudos. Assim, frente a esta questão, um dos professores (*Professor nº 7*) explica que “o processo de aprendizagem é condicionado por vários fatores, dentre eles a dedicação do aluno e suas condições socioeconômicas de estudar, o que na EJA é muito prejudicado, devido ao fato dessas condições não ser geradas”.

Sem dúvida, o aluno, de forma geral, precisa de estímulos, motivação, e dinâmicas de trabalho que o insira no processo ensino-aprendizagem e evite que ele desanime dos estudos e sofra com as consequências futuras de ter um fracasso escolar.

O incentivo é importante para a permanência na escola. E, com o tempo, o próprio aluno tende a reconhecer sobre essa escolha. Segundo Santos (2003, p. 111), estudar é “adquirir coisas, é você poder se sentir, se posicionar diante da vida e das pessoas”.

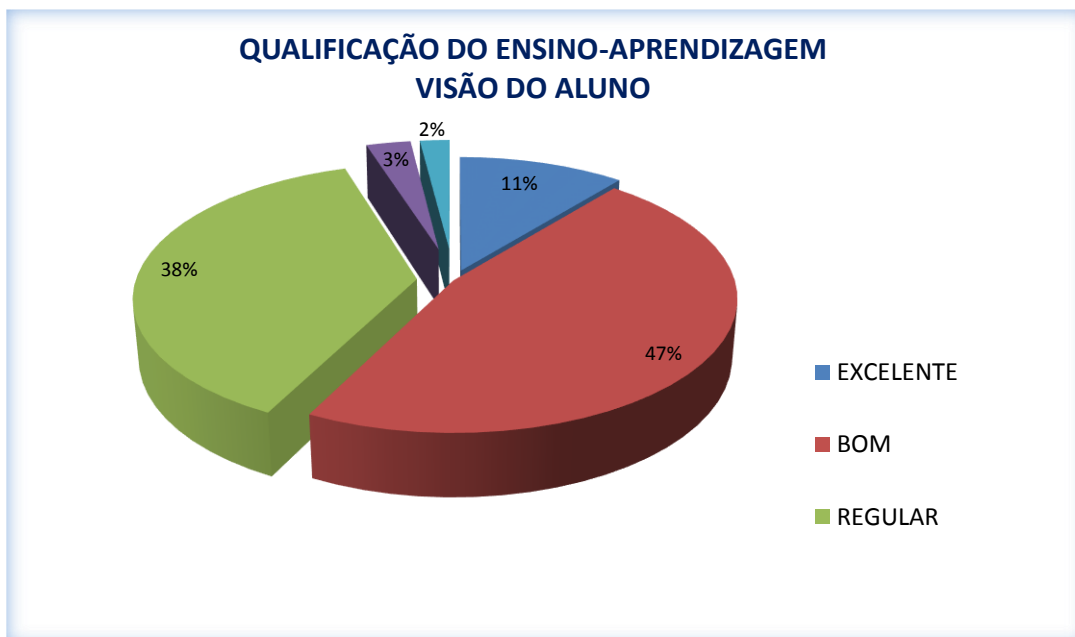
Um dos alunos entrevistados diz que o retorno aos estudos foi importante, devido ao fato de que contribuiu para o seu amadurecimento e o planejamento de seu futuro. Conforme mostra a sua fala, a seguir:

“Bom. porque eu aprendi a ter meta em minha vida depois que comesei a estudar, e notei que fiquei mais maduro.” Aluno 31 – 3ºEJA

A EJA, nesse sentido, é uma forma de estímulo aos jovens e adultos na obtenção de uma formação escolar, e também a oportunidade de um aluno que não concluiu o ensino em tempo regular - a idade (que teve como consequência, em seu passado, o fracasso escolar), recuperar esse tempo ao regressar à sala de aula e buscar qualificações para melhorar a sua qualidade de vida.

Nessa pesquisa, também foi verificado que a maioria dos alunos entrevistados considera que o ensino-aprendizagem na EJA é *bom*, cerca de 47%; e somente 5% dos alunos consideram que o ensino é *ruim* (Gráfico 6).

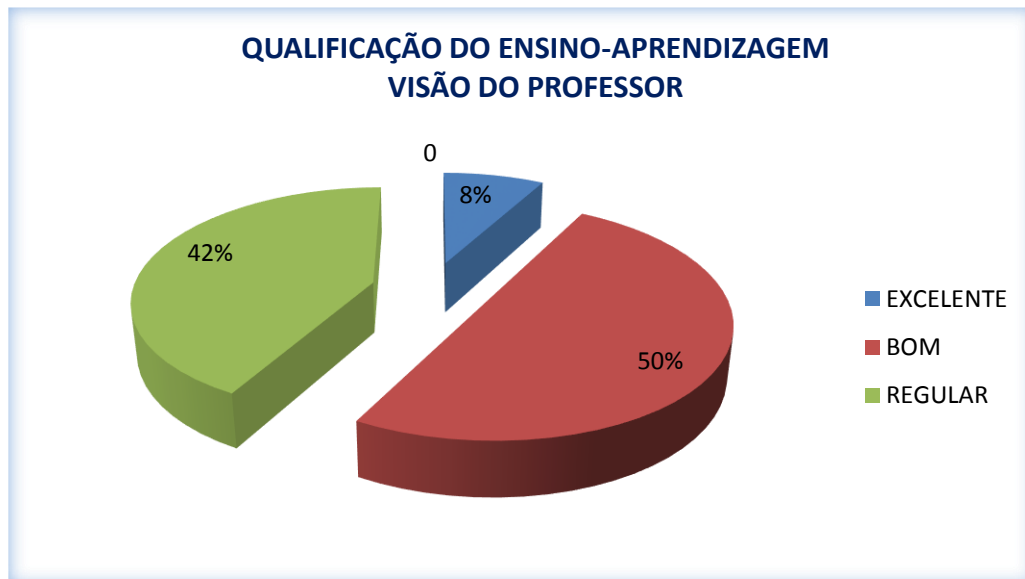
Gráfico 6: Classificação dos alunos quanto ao ensino-aprendizagem das matérias ofertadas na Educação de Jovens e Adultos.



Fonte: Arquivo do pesquisador

Na visão dos professores entrevistados, 50% qualificaram o ensino como *bom*, 42% dos professores qualificaram como *regular* e somente 8% qualificaram como *excelente*. Nenhum professor entrevistado qualificou o ensino-aprendizagem como *ruim* (Gráfico 7).

Gráfico 7: Classificação dos professores quanto ao ensino-aprendizagem das matérias ofertadas na Educação de Jovens e Adultos.



Fonte: Arquivo do pesquisador

Com o decorrer da pesquisa, pode-se dizer que o processo de ensino-aprendizagem na modalidade EJA é um desafio para aqueles que estão envolvidos, visto que são diversas as dificuldades enfrentadas no processo devido à diversificação do público escolar. Na qual se apresentam alunos com idades variadas, diferentes períodos de tempo de afastamento dos estudos e com objetivos traçados diferenciados para estar em sala de aula.

Conforme Ferrari (2011, p. 1), [...] a maior demanda de jovens pelos cursos de EJA tem, como consequência, a dificuldade do professor atender num mesmo espaço e tempo diferentes níveis de conhecimento e ritmos de aprendizagens. Para tanto, um professor entrevistado apresenta seu posicionamento sobre a qualidade do ensino-aprendizagem na EJA, a qual diz ser regular e justifica:

“Por que acredito que o ensino-aprendizagem atual não funciona bem com todos os alunos, devido à diferença de tempo longe dos estudos de cada um.” Professor Nº 9.

O bom funcionamento então de uma escola dependerá de como se traça a proposta educativa de trabalho e como serão feitas as avaliações de resultados. No que tange à Proposta Curricular da EJA, ela aborda vários fatores importantes, dentre eles um se destaca, conforme nosso estudo, na qual diz ser:

[...] importante que cada escola tenha clareza quanto ao seu projeto educativo, para que, de fato, possa se constituir em uma unidade com maior grau de autonomia e que todos os que dela fazem parte possam estar comprometidos em atingir as metas a que se propuseram; [...] (BRASIL, 2002, p.08).

Claro que os professores também precisam desenvolver o seu papel com o compromisso, estando motivados e com ações de ensino dinâmicas. Mas, para isso, eles precisam de um ambiente educacional que possa proporcionar o que ele precisar.

A desmotivação do professor é observada na fala de um aluno que diz que o ensino-aprendizagem é regular e explica o porquê de sua opinião.

“Porque os professores não se esforça muito para ensinar os alunos”. Aluno 15 – 2ºEJA

Outro aluno concorda e diz:

“Porque tem professor que não fazem questão de explicar as matérias direito”. Aluno 22 – 2ºEJA

O professor não pode desistir do seu papel profissional diante de seus alunos. Ele deve assumir a sua responsabilidade de educador e fazer a sua parte conforme os recursos que possui, mesmo sendo difícil. Ele não pode causar prejuízo de ensino a todos os alunos, porque um grupo em sala não demonstra interesse. O professor deve buscar meios de chamar a atenção e motivá-los para o aprendizado. Haja vista que:

[...] educador é um profissional da pedagogia da política, da pedagogia da esperança, [...], o educador é aquele que necessita construir o conhecimento com seus alunos, e o educando é um dos eixos fundamentais de todo o trabalho. No entendimento que ele pode promover profundas transformações em si, e por efeito, no mundo em que vive (NASCIMENTO, 2013, p.9).

Hoje, existem deficiências em termos de recursos materiais e financeiros em algumas escolas. Para isso, faz-se necessário maior investimento por parte do governo junto à educação. Assim, na pesquisa realizada, observa-se que o professor e o aluno sentem falta de investimentos na área em que atuam.

“Sem estrutura de laboratórios e conhecimento muito restrito dos alunos.” Professor N°2.

“Por que o governo não investe na Educação.” Aluno 8 – 3ºEJA

“O governo não investe com deveria investir na educação.” Aluno 21 – 3ºEJA

Outro ponto identificado quanto às dificuldades para ensinar e aprender na modalidade de ensino EJA é referente ao tempo de estudo para aqueles que optam em reingressar na escola a partir dessa modalidade de ensino. É certo dizer que o conteúdo ministrado em sala de aula, de um ensino regular, é bem diferente do que aquele ministrado em uma turma EJA. Assim, conforme a publicação do Ministério da Educação nas Diretrizes Nacionais da Educação Básica (2013, p. 371), explica-se:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica reconhecida como direito público subjetivo na etapa do Ensino Fundamental. É caracterizada como uma proposta pedagógica flexível, com finalidades e funções específicas, levando em consideração os conhecimentos das experiências de vida dos jovens e adultos, ligadas às vivências cotidianas individuais e coletivas, bem como ao trabalho. Nesse sentido, de acordo com o Parecer CNE/CEB nº 11/2010, o projeto político-pedagógico e o regimento escolar devem propor um modelo pedagógico adequado a essa modalidade de ensino “assegurando a identificação e o reconhecimento das formas de aprender dos adolescentes, jovens e adultos e a valorização de seus conhecimentos e experiências.” Os componentes curriculares, ainda conforme esse Parecer, devem favorecer condições de igualdade formativa, adequando tempos e espaços educativos em face das necessidades específicas dos estudantes. Na mesma direção, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica orientam que os cursos de EJA devam pautar-se pela flexibilidade tanto no currículo, quanto no tempo e espaço escolares [...]

A EJA confere ao aluno a oportunidade de concluir o ensino, mas, não confere a ele a qualidade total de adquirir conhecimento em tempo hábil. Porque não há tempo para desenvolvimento de matérias de forma integral.

Quanto à organização dos cursos EJA, o Ministério da Educação, de acordo com as Diretrizes Nacionais da Educação Básica (2013, p. 319), definiu por meio do Parecer CNE/CEB Nº 23/2008 o seguinte:

[...] Em 08 de outubro de 2008, por meio do Parecer CNE/CEB nº 23/2008, a Câmara de Educação Básica definiu Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA, especificamente no que concerne aos parâmetros de duração e idade dos cursos para a EJA; aos parâmetros de idade mínima e de certificação dos Exames na EJA; e ao disciplinamento e orientação para os cursos de EJA desenvolvidos com mediação da Educação a Distância, com reexame do Parecer CNE/CEB nº 11/2000 e adequação da Resolução CNE/CEB nº 1/2000, que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

A organização curricular para alguns alunos não é a ideal, eles consideram ser um prejuízo quando falam da qualidade ensino-aprendizagem. E justificam:

“Ruim. Por que e pouco tempo para estudar toda a grade curricular acadêmica.” Aluno 11 – 2ºEJA

“É bom, porque temos professores dedicados, mesmo sendo pouco tempo para aprender.” Aluno 23 – 3ºEJA

“Regular. Pouco tempo para cumprir uma carga horária.” Aluno 17 – 3ºEJA

“Regular. Porque e pouco tempo para aprender.” Aluno 18 – 2ºEJA

O ideal seria que todos tivessem as mesmas oportunidades e não precisassem ter de concluir o seu ensino através da EJA, mas, como essa ainda não é a nossa realidade devido os problemas socioeconômicos que a população enfrenta a cada dia, faz-se necessário que o que se oferta possa ser melhorado. Pois, o professor, ao ensinar na EJA, precisa perceber que está diante de muitas pessoas que enfrentam dificuldades e que buscam melhorias em suas vidas. São jovens e adultos, que de certa forma esperam através do estudo buscar meios para superar as dificuldades, justamente pela necessidade do conhecimento e reconhecimento para que, assim, possam buscar as mudanças desejadas em sua vida, fora do espaço escolar. Mudanças estas que precisam ocorrer para o aluno obter mais oportunidades e assim melhorar cada dia mais a sua vida (MACHADO; CORREIA; ROVETTA, 2014).

Quando alguns professores falam sobre o ensino-aprendizagem da EJA, eles dizem que é bom e explicam o porquê:

“Bom. Pela oportunidade de reintegrar os alunos na sala de aula”. Professor Nº10.

“Bom. Por que respeita os limites dos alunos.” Professor Nº3.

Muitas vezes nos deparamos com alunos que estão em sala de aula pela obrigação, pela cobrança, esse é um perfil muito mais voltado para alguns jovens, que reprovaram, abandonaram a escola e no fim o retorno somente foi viável na EJA.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2017) apresentou os indicadores de fluxo escolar na educação básica, com dados que revelam estatísticas sobre evasão escolar, a qual destaca que 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do Ensino Médio, respectivamente, evadiram da escola de acordo com o Censo Escolar entre os anos de 2014 e 2015. Já o 9º ano do ensino fundamental tem a terceira maior taxa de evasão, 7,7%, seguido pela 3ª

série do Ensino Médio, com 6,8%. Considerando todas as séries do ensino médio, a evasão chega a 11,2% do total de alunos nessa etapa de ensino.

Os dados citados acima se revelam como indicadores de futuros alunos, possivelmente, inseridos na Educação de Jovens e Adultos, pois esses alunos acabam ficando um, dois, três, quatro e às vezes mais anos fora da escola, e o seu retorno acaba sendo viável, somente, na modalidade de ensino EJA.

O tempo de afastamento da escola, propicia a falta de diversos conhecimentos e a dificuldade de retorno ao estudo. Somado a essa dificuldade de tempo de estudo, temos ainda alguns professores que trabalham desmotivados e sem recursos, existem alunos que chegam cansados do trabalho e sentem-se desmotivados, o que ocasiona um prejuízo no ensino-aprendizagem. Segue a fala de alguns entrevistados:

“O ensino-aprendizagem é excelente. Apesar da grade Curricular ser excelente o desinteresse dos alunos (alguns) tira todo interesse dos profissionais.” Professor Nº 8.

*“Considero o ensino-aprendizagem regular. Por desinteresse de nossos alunos, falta de capacitação para os professores, e alto índice de professores desqualificados entrando na área por conveniência”.
Professor Nº11.*

*“O ensino e regular. O conteúdo que é passado é bom, porém o interesse dos alunos é pouco.” Aluno
29 – 3ºEJA*

Vale ressaltar que todos são capazes de aprender, o que os alunos jovens e adultos precisam perceber e compreender é que cada um é capaz de construir diferentes capacidades, por isso é importante à apropriação de conhecimentos, por serem eles a base para a construção da identidade de cada um e de sua cidadania (BRASIL, 2002).

Além das situações de investimentos na educação, desinteresses de alguns alunos, desmotivação e falta de qualificação do professor, outra questão que vale ser destacada é o fato de que muitos alunos, por si só, apresentam dificuldades de aprendizado.

Na pesquisa, identificou-se que 48% dos alunos se consideram com dificuldades de aprendizagem e 52% consideram que não possuem dificuldades para aprender. Seguem as justificativas dos alunos.

- ✓ Alunos que se consideram com dificuldades no processo ensino-aprendizagem:

“Porque as coisa não entra na minha cabeça”. Aluno 18 – 1ºEJA

“Eu sou dificio de aprender”. Aluno 24 – 1ºEJA

“muitos problemas resolver na vida,”. Aluno 51 – 3ºEJA

“Porque preciso estudar a matéria várias vezes para entender”. Aluno 17 – 2ºEJA

Quando o professor se depara com alunos que possuem dificuldades de aprendizagem, em sua disciplina, é necessário que ele busque trabalhar habilidades discentes que façam com que ele se desenvolva e consiga perceber que é capaz de aprender o que lhe está sendo transmitido, independente de qual disciplina seja.

Os alunos possuem realidades de vida diferenciadas, e, muitas vezes isso afetará a sua forma de aprendizado. As preocupações ou não do dia a dia com responsabilidades que lhe são peculiares podem afetar esse processo de ensino-aprendizagem. Segue a fala de um dos alunos:

“depois que construímos família. bate a preocupação Vejo que a mente não é mais a mesma”. Aluno 25 – 2ºEJA

Dessa forma, Lopes (2005, p. 61) explica que:

Quando o professor consegue acolher esse estudante e respeitá-lo em suas diferenças, sem cair na armadilha de pena, proporciona a ele um grande benefício [...] oferece também a toda a classe uma rica experiência de convivência com a diversidade.

Por isso, é de fundamental importância que o professor possa ter a percepção do quanto é necessário, em certos momentos, dar mais valor aos pequenos esforços em relação ao desempenho escolar de um aluno, o quanto é necessário parabenizá-lo por um avanço, incentivá-lo em cada atividade a melhorar cada vez mais, mostrando de que todos são capazes de aprender. Uma atuação profissional dessa maneira pode levar o aluno que considera que nunca aprenderá, a ganhar a

confiança necessária para acreditar em si mesmo, fortalecendo o seu desenvolvimento.

Corroborando com essa ideia de desenvolvimento, Vygotsky (1991, p.101) explica que:

[...] o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

Frente à perspectiva do desenvolvimento dos alunos que alegam ter dificuldades de aprendizagem, cabe aqui dizer que o professor tem um papel essencial no processo educacional, visto ser ele um profissional que tem a função de transmitir e mediar a troca de conhecimentos entre ele e os alunos e entre os próprios discentes, estimulando incessantemente por conhecimentos diversos. Ao adquirir novos conhecimentos, o aluno se transforma enquanto cidadão, dado ao fato de que os conhecimentos adquiridos fortaleceram e o impulsionaram a que tenha nova forma de pensar e até mesmo de atuar em seu meio social. Certo, é que cada um deverá saber aproveitar essa oportunidade de adquirir novos conhecimentos e saber usar para o seu desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional.

- ✓ Alunos que não se consideram com dificuldades no processo ensino-aprendizagem:

Ao retornar ao ambiente escolar, nem todos se sentem confiantes de que são capazes de aprender, mas existem aqueles alunos que possuem confiança suficiente para dizer que não possuem dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Assim, seguem algumas falas:

“por que raciocínio bem e penso rápido nos meus afazeres”. Aluno 8 – 1ºEJA

“As vezes demora mais não tenho problemas em aprender”. Aluno 26 – 2ºEJA

Os alunos que buscam a EJA, muitas vezes, não querem somente concluir o Ensino Médio e Fundamental. Alguns estão em busca de novos conhecimentos, como no depoimento:

“porque gosto de aprender coisas novas”. Aluno 33 – 2ºEJA

Cada pessoa possui uma dificuldade e esta pode ser identificada em cada um de forma distinta, mas, no processo de ensino-aprendizagem, pode ser superada se o aluno também apresentar um interesse em realmente aprender sobre a disciplina e buscar alternativas para sanar suas dúvidas para apropriar-se do conhecimento. Conforme observamos nas descrições discentes a seguir:

“Por que eu procuro sempre a ajuda dos professores”. Aluno 32 – 1ºEJA

“Tenho muito enterece em aprender e poder acabar com o ensino”. Aluna 24 – 3ºEJA

Em torno do processo ensino-aprendizagem, em um ambiente escolar, pode se dizer que existem disciplinas que são por si só difíceis de ser compreendidas, principalmente quando aquele que ensina não consegue transmitir de forma clara. Levando-se em consideração a existência de disciplinas que são consideradas difíceis de aprender, as tabelas 11 e 12 apresentam os dados referentes a essa dificuldade de aprendizagem.

Na tabela 11, observa-se que na visão dos alunos entre as disciplinas mais difíceis para aprender, está a matemática, apontada por 38 dos alunos entrevistados.

Tabela 11: Disciplinas consideradas difíceis de aprender – Aluno.

DISCIPLINA	QUANTIDADE
Matemática	38 alunos consideram difícil
Inglês	08 alunos consideram difícil
Geografia	07 alunos consideram difícil
Física	07 alunos consideram difícil
Português	05 alunos consideram difícil
Ciências	03 alunos consideram difícil
História	03 alunos consideram difícil
Química	03 alunos consideram difícil
Educação Física	02 alunos consideram difícil
Artes	01 aluno considera difícil
Teologia	01 aluno considera difícil
Sociologia	01 aluno considera difícil
Biologia	01 aluno considera difícil

Fonte: Arquivo do pesquisador

Para os 152 alunos participantes da pesquisa, essa dificuldade com algumas matérias geram certo desconforto e até desânimo. Pois, o fato de não conseguir

compreender e não entender faz com que se perca o estímulo até mesmo em continuar.

“Tenho dificuldades para aprender a matéria de matemática”. Aluno 6 – 3ºEJA

“principalmente matemática e física”. Aluno 3 – 2ºEJA

“tenho dificuldade em matemática”. Aluno 38 – 2ºEJA

“por que procuro me esforçar ao máximo. Só tenho um pouco de dificuldade em matemática”. Aluno 9 – 2ºEJA

“eu tenho dificuldades em matemáticas e química e física”. Aluno 49 – 2ºEJA

Na pesquisa, a matemática é a matéria que se destacou quando os alunos foram questionados sobre a dificuldade de aprendizado, talvez pelo entendimento de ser uma matéria complexa e que muitos acabam não se identificando com ela.

Sanchez (2004) explica que a dificuldade de aprendizagem em Matemática pode se manifestar devido a dificuldades de origem de um ensino que não foi suficiente e adequado para o aluno, podendo se ocasionar por falta de elementos motivacionais suficientes ou até mesmo pelo fato da organização do ensino da disciplina não estar de forma sequenciado. Situações essas que podem ter ocorrido devido os conteúdos não se ajustarem às necessidades e ao nível de desenvolvimento do aluno ou não se treinam as habilidades prévias, justificando-se por uma metodologia desmotivadora e ineficaz, a proposta de ensino.

Essa colocação do autor vai de encontro à discussão sobre a modalidade EJA, no sentido de que muitos alunos tiveram um ensino rompido no passado, seja por uma situação de evasão ou reprovação e quando vão para a educação de jovens e adultos apresentam as dificuldades que lhe são peculiares a seu desenvolvimento intelectual. Contudo, cabe aqui dizer que “o homem é um ser social, apto a aprender, através da educação se forma sua identidade, ideologia e o seu modo de vida” (NASCIMENTO, 2013, p. 9).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 62),

É importante que o professor estimule os alunos a buscar explicações e finalidades para as coisas, discutindo questões relativas à utilidade da Matemática, como ela foi construída, como pode construir para a solução

tanto de problemas do cotidiano como de problemas ligados à investigação científica. Desse modo, o aluno pode identificar os conhecimentos matemáticos como meios que o auxiliam a compreender e atuar no mundo.

Neste estudo, de acordo com a visão do professor, observa-se também que a disciplina de matemática é apontada como a mais difícil. A esse respeito, Vitti (1999, p. 32) reitera que,

É muito comum observarmos nos estudantes o desinteresse pela matemática, o medo da avaliação, pode ser contribuído, em alguns casos, por professores [...] para que esse preconceito se acentue. Os professores na maioria dos casos se preocupam muito mais em cumprir um determinado programa de ensino do que em levantar as ideias prévias dos alunos sobre um determinado assunto.

Conforme tabela 12, dos professores entrevistados, 100% apontaram a matemática como a disciplina mais difícil de aprender, seguida da disciplina de português.

Tabela 12: Disciplinas consideradas difíceis de aprender – Professor.

DISCIPLINA	QUANTIDADE
Matemática	12 professores consideram difícil
Português	06 professores consideram difícil
Ciências	02 professores consideram difícil
Inglês	02 professores consideram difícil
Geografia	01 professor considera difícil
História	01 professor considera difícil
Artes	01 professor considera difícil

Fonte: Arquivo do pesquisador

Quanto à identificação dos professores entrevistados de que a matemática é a disciplina considerada mais difícil de aprender, cabe aqui dizer, que essa relação entre a disciplina e os alunos deve ser repensada. Pensando que a razão do insucesso desse aprendizado pode estar ligada a fatores como o aluno não gostar da disciplina, não haver interesse do aluno em aprender a matemática por ela não ser apresentada de forma dinâmica, correlacionando-a com as necessidades cotidianas, ausência de recursos tecnológicos, que possibilitem ao professor dinamizar as aulas ou até mesmo dificuldade de alguns professores em transmitir o conhecimento da disciplina. Dessa forma, torna-se necessário que o professor conheça a sua turma e possa identificar as suas dificuldades e interesse pela disciplina e, a partir de então, organizar suas aulas na modalidade de ensino EJA, levando em conta as reais necessidades e interesses dos seus alunos, nos diversos tipos de ambientes as quais eles estão inseridos.

4.4 ELEMENTOS DESMOTIVADORES PARA O ALUNO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA

Reiniciar os estudos envolto a outras ocupações e preocupações que fazem parte da vida, é buscar, dentro de si, grande força de vontade de mudar a sua história através da educação. Ainda que de forma tardia, a reinserção escolar representa um significado especial para aquele que enxerga no estudo um ato para melhorar sua vida.

Todavia, nem toda reinserção escolar é fácil, pois, muitas vezes os alunos carregam uma sobrecarga da vida de desânimo devido à rotina diária.

Muitos alunos sentem-se desanimados, devido a ser cansativo estudar depois do trabalho, por não ter apoio da família, por considerar que nem todos os professores ensinam bem e algumas matérias são chatas e cansativas, não despertando nenhum interesse para o estudo (Tabela 15).

Pela pesquisa, identifica-se que 31 alunos pensam que a permanência em sala de aula não acrescentará em nada a sua vida e não consegue perceber o quanto o estudo é importante (Tabela 15).

Tabela 13: Situações que o aluno considera que desanima a estudar e causa prejuízo ao seu aprendizado.

SITUAÇÕES DE DESÂNIMO E QUE PREJUDICAM O APRENDIZADO	
QUALIFICAÇÃO	QUANTIDADE
Sente-se cansado para estudar depois do trabalho	64 alunos
Não tem apoio da família e isso te desmotiva a aprender	20 alunos
Acha que nem todos os professores ensinam bem	60 alunos
Acha que algumas matérias são chatas e cansativas, não despertando o interesse para o aprendizado	76 alunos
Acha que algumas matérias não acrescentam em nada na vida, por isso não tem interesse em aprender	31 alunos
A permanência de alunos em sala que não tem interesse pelo estudo e atrapalham as aulas	88 alunos
Não tem interesse em aprender, somente quer concluir o ensino	20 alunos

Fonte: Arquivo do pesquisador

A preocupação com filhos e os afazeres domésticos, cansaço, dificuldade financeira compreendem elementos que geram desânimo ao aluno em ir para a escola (Tabela 16). Tanto para os professores entrevistados, quanto os alunos, o cansaço e filhos pequenos são fatores que mais fazem com que o aluno sinta desmotivação para ir à escola (Tabelas 16 e 17).

Uma consideração necessária frente às situações que desanimam o aluno e causam dificuldades em seu aprendizado, é fazer o reconhecimento do aluno enquanto sujeito e que merece estar na escola. Não só pelo merecimento, mas, por ser seu direito, como de qualquer outro cidadão.

Nesse processo, o professor é fundamental, haja vista que:

O papel do professor na EJA, é de grande importância no processo de reingresso do aluno às turmas, é de suma importância o perfil do docente no sucesso de aprendizagem do aluno adulto, para muitos o professor é um modelo a seguir (NASCIMENTO, 2013, p.10).

O professor é visto como modelo e, por isso, necessário que ele incentive os alunos a permanecerem na escola, a não desistirem, mesmo enfrentando algumas dificuldades para que essa permanência ocorra.

Tabela 14: Situações que para o aluno ocasionam desânimo em sair de casa e ir para escola.

FATORES GERADORES DE DESÂNIMO – VISÃO DO ALUNO	
QUALIFICAÇÃO	QUANTIDADE
Filhos pequenos	34 alunos
Dificuldade financeira	20 alunos
Afazeres domésticos	34 alunos
Dificuldade de aprendizagem	30 alunos
Falta de motivação	32 alunos
Falta de incentivo	24 alunos
Problemas familiares	27 alunos
Atraso, devido trabalho	44 alunos
Cansaço	81 alunos
Problemas de saúde	25 alunos

Fonte: Arquivo do pesquisador

Tabela 15: Situações que para o professor o aluno desanima em sair de casa e ir para escola.

FATORES GERADORES DE DESÂNIMO – VISÃO DO PROFESSOR	
QUALIFICAÇÃO	QUANTIDADE
Filhos Pequenos	10 professores
Dificuldades Financeiras	06 professores
Afazeres Domésticos	08 professores
Dificuldade de Aprendizagem	09 professores
Falta de Motivação	10 professores
Falta de Incentivo	07 professores
Problemas Familiares	09 professores
Atraso, devido trabalho	10 professores
Cansaço	12 professores
Problemas de Saúde	07 professores

Fonte: Arquivo do pesquisador

Segundo Oliveira (1996, p 37), o aluno precisa compreender que o retorno à escola “[...] significa um marco decisivo no restabelecimento dos seus vínculos com o conhecimento escolar, libertando-os do estigma do analfabetismo e dos sentimentos de inferioridade”.

Mesmo diante de toda e qualquer dificuldade no ato de ensinar, o interesse dos alunos pelo ensino deve ser despertado a cada dia, deve ser motivado e incentivado pelo professor.

4.5 ENSINAR: PENSAR EM SAIR DO BÁSICO E DIVERSIFICAR O ENSINO COM DINAMISMO PARA FACILITAR O APRENDIZADO DO ALUNO DA EJA

Trabalhar para a melhoria do ensino é fundamental, haja vista, que é através da educação que as pessoas podem conseguirse formar e se transformar. Conseguem construir e expor opinião.

Entendemos que por meio da educação as pessoas podem se tornar seres mais críticos, com mais conhecimento de seus direitos. São capazes de exercer sua cidadania com melhor capacidade de fazer escolhas, sejam elas quais forem.

Todos precisam da educação para melhor qualificação, a fim de concorrer de igual para igual nas oportunidades de trabalho e, assim, conquistar uma vida de maior dignidade, com qualidade.

Nessa vereda, os professores expuseram suas opiniões do que é necessário mudar para que o ensino-aprendizagem possa melhorar e alguns pontos foram destacados, como investimento de recursos na área educacional, capacitação/formação continuada dos professores e trabalhar a educação de acordo com a realidade dos alunos.

Dessa forma, de acordo com Abrucio (2016, p.10),

Os avanços são inegáveis, mas ainda há muitos problemas a resolver. Uma série de ações se fazem necessárias para aumentar, ao mesmo tempo, a qualidade e a equidade na Educação brasileira, de modo a garantir o direito à Educação igualmente a todos. Entende-se por qualidade não apenas o melhor desempenho e aprendizado dos alunos, mas o processo que cria as condições (capital humano, insumos, monitoramento/avaliação, gestão do sistema e participação social) para o avanço cognitivo, emocional e cidadão dos alunos, em especial os da escola pública.

Para os professores entrevistados, portanto, o investimento não envolve somente material e espaço físico, é necessário também investimento humano.

Eis que o profissional deseja ser reconhecido e valorizado. Isso é parte da vida de qualquer docente que busca a sua qualificação para ingresso no mercado de trabalho. Tanto esforço para alcançar uma formação, merece ser reconhecido e valorizado, visto que essa condição motiva e faz bem ao profissional.

“Valorização dos profissionais de educação e melhor estrutura física das escolas”. Professor nº 2

“Melhores condições de trabalho, capacitações aos educadores, parceria entre pais e escolas”. Professor nº 11

Dessa maneira, de acordo com Carissimi e Trojan (2011, p. 58) “as perspectivas de melhoria na qualidade do ensino estão articuladas com a valorização docente, traduzida pelas condições concretas de formação, remuneração e de trabalho dos professores”.

As condições de trabalho também são importantes, as quais Caldas (2007) destaca que a infraestrutura de uma escola e o material didático disponibilizado aos

professores confere como um conjunto adequado para um bom ambiente de trabalho.

Percebemos como relevante que para manter bons professores, faz-se necessário disponibilizar condições acessíveis e adequadas de trabalho, que sejam satisfatórias para o desenvolvimento da docência. Isso motiva e faz com que os profissionais permaneçam até mesmo em escolas consideradas pouco convidativas, muitas vezes pela região em que se encontra localizada (UNESCO, 2001, p. 160).

Verifica-se, pois, nas falas de alguns profissionais esse desejo por melhor condição de trabalho.

*“A forma de aplicação dos conceitos; A estrutura física das escolas”.
Professor Nº9*

“Melhores condições de trabalho, melhores equipamentos para a realização de atividades diferenciadas, mais respeito entre aluno-professor” Professor Nº6.

Quanto ao que se refere a equipamentos, podemos então dizer que a falta de “[...] disponibilidade de recursos materiais como data show, laboratórios, salas de informática que em muitas escolas ainda não são oferecidos, dificulta para que o professor possa planejar uma aula diferente” (SILVA, 2011, p.5).

Com base na pesquisa, também coletamos dado importante, que trata sobre a capacitação/formação continuada dos professores. Dos entrevistados, 75% responderam que costumam fazer, com frequência, cursos de formação continuada ou complementares como forma de enriquecimento do conhecimento, atualização e conhecimento de novas metodologias educacionais, qualificação profissional e para melhorar o desempenho profissional; pensando que, “a formação profissional é um dos mecanismos mais importantes para o desenvolvimento da competência do docente [...]” (CARISSIMI, TROJAN, 2011, p.58).

Por outro lado, 25% dos professores responderam que não costumam fazer curso de formação continuada ou complementar devido à falta de tempo.

Tecendo uma discussão frente à capacitação, em 2001, foi emitido relatório da UNESCO que trata sobre a formação continuada, por ser essa considerada como momento de aperfeiçoamento para o professor, a qual irá promover crescimento ao seu trabalho. Para isso, inclusive, propõe capacitação à distância, que viabiliza economia financeira e de tempo.

Devem ser desencadeados programas que levem os professores a familiarizar-se com os últimos progressos da tecnologia da informação e comunicação. De uma maneira geral, a qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores do que pela sua formação inicial. O recurso a técnicas de ensino a distância pode ser uma fonte de economia e permitir que os professores continuem a assegurar o seu serviço, pelo menos em tempo parcial (UNESCO, 2001, p.159).

No tocante ao assunto, quando falamos de capacitação, alguns professores expuseram a seguinte opinião:

“Qualificações oferecidas pela SEDU”. Professor Nº1

*“Melhor capacitação dos professores e mudança no currículo escolar”.
Professor Nº4*

Buscar a atualização dos conhecimentos, a partir de capacitações é, sem dúvida, necessário para o professor, pois, desta forma o profissional pode estar em constante reflexão e avaliação sobre suas práticas de ensino desenvolvidas em sala de aula, modificando, acrescentando, criando elementos novos que contribuam para um melhor processo de ensino-aprendizagem.

É preciso adotar estratégias pedagógicas e metodologias orientadas para a otimização da formação específica de professores e gestores responsáveis por esse modo de fazer educação, assim como construir uma nova institucionalidade nos sistemas de ensino (ANDRADE, 2011, p.2).

O profissional capacitado consegue melhor atender os seus alunos quanto ao ensinar, pois apresenta maior condição de identificar as dificuldades discentes e, assim, buscar meios para superá-las.

Chimentão (2009) destaca que é importante que o professor esteja sempre em processo de capacitação para aprimorar a sua qualificação profissional, pois dessa forma ele terá condições de desenvolver melhor sua prática ao estar com conteúdos atualizados. Segundo o autor, o profissional deve estar além de conhecimentos centrados somente aos fatos e acontecimentos do mundo, o que, também, é importante. Contudo, a capacitação contínua proporciona atualizações dos

conhecimentos referentes aos do currículo escolar e pedagógico, além de atualizá-lo quanto às novas tendências educacionais.

Outro fator apresentado pelos entrevistados, foi à diversificação do ensino da Educação de Jovens e Adultos trazendo abordagens que focuem, principalmente, na realidade de vida dos alunos, em um ensino que se aproxime de sua realidade, correlacionando com o dia a dia dele.

“Atividade fora do ambiente escolar”. Professor N°3

“Aulas mais voltadas para o cotidiano deles e um planejamento de tempo diferenciado, no qual permita ao professor distribuir menos pontos com menos atividades, melhorando a qualidade e não focando assim em quantidade” Professor N°7

Trabalhar pensando em compreender o aluno é uma forma de maior aproximação da relação ensino-aprendizagem entre professor e aluno. A esse respeito, Fortunato (2010, p. 282) explica que:

Escutar as histórias dos educandos é uma possibilidade muito rica na perspectiva de ampliar nosso repertório de informações sobre a forma como as pessoas buscam entender o mundo em que vivem, bem como para nos aproximar do sentido que essas pessoas atribuem ao que lhes acontece.

Assim, importa-nos dizer que na hora de escolher conteúdos, os professores podem levar em conta alguns critérios, de acordo com o SECAD (2006, p.34-35) são os seguintes:

Ter validade – devem ser os mais importantes e significativos para a realidade e a época em que se vive;
 Ter significado – devem estar relacionadas com os alunos, suas histórias de vida, suas experiências e motivações;
 Possibilitar a reflexão – deve levar o aluno a associar, comparar, compreender, selecionar, organizar, criticar e avaliar os próprios conteúdos;
 Ser flexível – devem estar sujeitos a modificações, adaptações, renovações e enriquecimentos;
 Ter utilidade – deverão considerar as exigências e as características do contexto sócio-econômico e cultural dos alunos;
 Ser viável – os conteúdos deverão ser possíveis de aprendizagem dentro das limitações de tempo e dos recursos que temos.

Desta forma, torna-se importante buscar todos os recursos disponíveis e abusar da criatividade para que o aluno seja motivado. Esse educando precisa ser apresentado à educação de forma diferenciada, na qual ele compreenda o quanto será valioso para a sua vida essa conclusão do ensino. Como disse um dos professores

participantes (Professor N^o5) em sua resposta, o aluno deve ter “*o encantamento pelo conhecimento, a valorização do aprender*”.

Os educadores que se comprometem com a Educação de Jovens e Adultos, têm que possuir consciência da necessidade de buscar mecanismos, métodos e teorias que estimulem o público alvo a não abandonar a sala de aula, ou seja, o professor é o estimulador, o mediador de seus alunos. Esses educadores devem ser comprometidos com a aprendizagem dessas pessoas, adequando métodos incessantemente cada vez mais relacionados à realidade do público que estão trabalhando, inserindo no currículo a realidade do aluno [...] (NASCIMENTO, 2013, p.11).

No universo dos 152 alunos entrevistados, podemos observar na Tabela 18, que 72% buscam em seu reingresso escolar a oportunidade de inserção no mercado de trabalho, 70% crescimento profissional e, assim, conquistar melhor qualidade de vida, conforme 72% dos alunos (Tabela 18).

Tabela 16: Fatores motivadores do estudo - Visão do aluno entrevistado.

FATORES MOTIVADORES DO ESTUDO	
QUALIFICAÇÃO	QUANTIDADE
Oportunidade de inserção no mercado de trabalho	72% dos alunos
Crescimento pessoal	63% dos alunos
Crescimento profissional	70% dos alunos
Ter melhor condição de vida	72% dos alunos
Vontade de aprender sobre assuntos diferentes	51% dos alunos
Passar o tempo	10% dos alunos
Fazer novos amigos	35% dos alunos
Poder fazer um curso superior	62% dos alunos
Ser exemplo para meus filhos	52% dos alunos
Incentivo da família	51% dos alunos

Fonte: Arquivo do pesquisador

Ainda de acordo com a Tabela 18, os dados mostram que, dos entrevistados, 51% afirmaram que a vontade de aprender sobre assuntos diferentes é um fator motivante para o estudo. Da mesma forma que receber o incentivo de familiares para não abandonar os estudos foi indicado por 51%, que afirmaram ser esse o elemento motivador do estudo.

Muitos buscam um crescimento pessoal, cerca de 63% dos alunos, o que corresponde a poder fazer um curso superior, desejo representado por 62% dos alunos entrevistados e 52% dos alunos responderam que ser exemplo para os filhos são fatores motivantes.

Observando que um número inferior a 50% dos alunos respondeu que o elemento motivador de estudo seria a oportunidade de fazer novos amigos, contabilizando 35% dos alunos que escolheram essa opção.

E um dado ainda inferior, refere-se a dizer que o estudo tem como elemento motivacional passar o tempo, em que somente 10% dos alunos responderam ser esse o motivo.

5 AÇÕES PROPOSTAS PARA EJA DA E.E.E.F. CAMPINHO

No decorrer do trabalho, algumas questões se tornaram, a princípio, instigantes: Como fazer a mudança e alcançar a tão esperada superação das dificuldades do ensino? Como motivar os alunos? Como transformar as aulas em mais dinâmicas? E como conquistar recursos suficientes para melhorar a transmissão do saber do professor para o aluno?

São questões pertinentes e que precisam ser avaliadas pela escola, visto que são pontos apresentados por alunos e professores que fazem parte da instituição e que podem dizer com propriedade quais elementos acabam por dificultar o ensino-aprendizagem.

Considera-se que seria necessário realizar uma roda de conversa com os alunos e professores, na qual as partes poderiam ser escutadas e suas demandas seriam diretamente conhecidas e, a partir de então, organizar-se da melhor forma para buscar soluções. Não somente professores e alunos, mas o gestor público também deve participar, pois ele detém a atribuição de buscar meios e recursos para que as soluções propostas possam ser efetivadas.

Sabemos que as mudanças demandam tempo, pois se constroem continuamente. É imprescindível saber que as soluções são alcançadas aos poucos, principalmente fomentando-as a partir de cada resultado positivo alcançado.

Diante de alguns questionamentos apresentados, no que se referem a formas, meios para motivar os alunos, seriam indicadas palestras educacionais com profissionais capacitados para trabalhar as perspectivas futuras, superação das dificuldades diárias, outros com habilidades para apresentar experiências docentes exitosas, entre vários outros temas ligados ao processo de incentivo e motivação ao aluno.

Outro ponto importante é o professor considerar em realizar momentos mais dinâmicos em suas aulas, com apresentação da disciplina, utilizando-se de

elementos considerados lúdicos, correlacionando o dia a dia com o assunto da disciplina que se apresenta; aulas interativas e práticas.

Percebemos como necessária, também, à aquisição de recursos suficientes para melhorar a transmissão do saber do professor para com o aluno, por exemplo, um retroprojetor para a apresentação de vídeos que complementam o saber discente, muitas vezes, de forma mais interessante. Essas propostas que fazem com que o ensino deixe de ser cansativo e, por consequência, a interação dos alunos será mais significativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo foi percebemos que existem dificuldades relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos e que os objetivos traçados foram alcançados, a partir da pesquisa bibliográfica, aplicação do questionário, entrevista e análise dos resultados coletados.

Na modalidade EJA existem, sim, dificuldades no processo ensino-aprendizagem frente aos conteúdos ministrados em sala de aula, quer seja devido às dificuldades já existentes de cada aluno, quer seja pela falta de dinâmica do professor em transmitir o conhecimento de sua disciplina e torná-lo algo que realmente tenha importância e essencialidade para a vida do aluno, associando-se à sua vivência.

Dessa forma, foram trabalhados pontos importantes que trataram inicialmente da retomada dos estudos através da EJA, após uma análise de motivos indicados como justificativas para a ocorrência dos casos de reprovação e evasão escolar.

Seguidamente, também foram analisados os dados coletados para identificar os apontamentos das dificuldades e dos elementos desmotivadores do processo ensino-aprendizagem, não obstante a isso, o estudo também apresentou elementos para um pensar em novas atitudes para melhorar esses processos.

No universo dos alunos e professores entrevistados, foi possível identificar que os fatores desencadeadores para ocorrência de reprovação ou evasão são gerados por elementos que envolvem questões sociais e financeiras no ambiente familiar. Essa forma, esses problemas tendem a forçar algumas pessoas a tomarem decisões que, muitas vezes, não é considerada como ideal, mas, que para aquele momento é a necessária. São casos como, por exemplo, a inserção no mercado de trabalho, seja formal ou informal e a gravidez não planejada; culminando na inserção de muitos alunos na Educação de Jovens e Adultos.

O reingresso escolar de alunos na modalidade Educação de Jovens e Adultos não é fácil, principalmente sabendo que existem dificuldades que tanto o aluno quanto o professor enfrentam no processo de ensino e aprendizagem. O discente, por ter

vários problemas socioeconômicos; e os professores, por terem de lidar com a falta de recursos e ambiente inadequado de trabalho.

Assim, como proposta de melhoria no ensino, entendemos como necessário que o professor e os alunos tenham um ponto de encontro, para troca de cultura, de conhecimento de vida, onde o primeiro possa aproveitar essa oportunidade e fazer o ensino correlacionado ao dia a dia discente, apresentando o quanto o estudo é essencial, a partir de novas metodologias que estimulem o aluno ao aprendizado e o incentive a participar da construção do seu próprio conhecimento.

O ensino com interface na realidade se torna mais atraente, mais interessante, e apresentará mais sentido para os alunos. Dessa forma, o estudo se torna mais dinâmico e mais prazeroso. Para isso, é necessário que o professor realize novas práticas educativas e busque capacitações contínuas para melhor reinventar o seu processo de ensino-aprendizagem adequando com o grupo escolar a qual ele ministrará as suas aulas.

Melhorar o ensino-aprendizagem não depende somente do professor e do aluno, depende também de políticas públicas efetivas na área educacional, investimentos, ajuda e de constante apoio.

Após esse intenso estudo, observa-se a necessidade de realização de novas pesquisas nessa área, referentes às dificuldades de ensino-aprendizagem na EJA, contudo, centradas em uma disciplina. No caso, a ideia seria trabalhar as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de matemática, apontada pelos professores e alunos participantes da pesquisa como a que apresenta maior dificuldade de aprendizagem entre os alunos da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Campinho.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRUCIO, Fernando Luiz. **Formação de professores no Brasil: diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança.** São Paulo, Moderna, 2016. Acesso em 20 out 2017. Disponível em <https://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/formacao_de_professores_no_brasil_diagnostico_agenda_de_politicas_e_estrategias_para_a_mudanca_todos_pela_educacao.pdf>

ANDRADE, E. R. **Os sujeitos educandos na EJA.** Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/files/Programa%203_0.pdf>. Acesso em 05 set. 2017.

ANDRÉ, Marli. **Pedagogia das diferenças em sala de aula.** São Paulo: Papyrus, 2002.

ANTUNES, Celso. **Trabalhando habilidades: construindo idéias.** São Paulo: Scipione, 2001.

ARBACHE, Ana Paula Bastos. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura.** São Paulo: Cortez, 1990 e 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11/2001 e Resolução CNE/CBE nº 1/2000.** *Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos.* Brasília: MEC, maio 2000.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.** Lei Darcy Ribeiro nº 9.394/96, , de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Plano decenal de educação para todos.** Brasília: MEC, 2000.

_____. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas da EJA.** Caderno 1. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série.** Brasília, 2002. 240 p., v. 3, MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Acesso em 26 de jun de 2017. Disponível em:

<portal.mec.gov.br_secad_arquivos_pdf_eja_propostacurricular_segundosegmento_vol3_matematica>.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília, MEC, SEB, DICEI, 2013. Acesso em 26 jun 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>.

_____. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: avaliação e planejamento**. Brasília 2006. Acesso em 15 set 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno4.pdf>.

BELUZO, Maira Ferreira; TONIOSSO, José Pedro. **O Mobral e alfabetização de adultos: considerações históricas**. Cadernos de Educação: Ensino e sociedade, Bebedouro, SP. 2015. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200716.pdf>>. Acesso em 15 out 2017.

CALDAS, A. R. do. **Desistência e Resistência no trabalho Docente: um estudo das professoras e professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Curitiba**. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CARISSIMI, AlineChalusVernick; TROJAN, Rose Meri. **A valorização do professor no Brasil no contexto das tendências globais**. Jornal de Políticas Educacionais. V. 5, Nº 10. ISSN 1981-1969. Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação; Núcleo de Políticas, Gestão e Financiamento da Educação – NuPE/UFPR.2011.

CHIMENTÃO, L. K. **O significado da formação continuada docente**. In: Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar, 4., 2009, Londrina. Anais... Londrina:UEL,2009.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer CNE/CEB 11/2000. Acesso em 19 mar 2017. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>.

CORREIA, Maria Benúbia Santos; BRITO, Maria Betânia Gomes da Silva. **Educação ambiental: um desafio à sustentabilidade sócio-ambiental**. Disponível em:

<www.cedu.ufal.br/Revista/Revista10/mbenbet.html>Acesso em: 15 mai. 2016.

CUNHA, Adilton. **Educação de jovens e adultos no Brasil, como prática social através de instituições formais ou não**. Disponível em <<http://monografias.brasilecola.com/historia/a-educacao-jovens-adultos-movimento-brasileiro-alfabetizacao.htm>>. Acesso em 20 mai.2016.

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006

IBGE (Brasil). **Brasil em síntese: Educação**. Rio de Janeiro - RJ. Disponível em <<http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao.html>>. Acesso em 10 jun. 2016.

EEEF CAMPINHO. Projeto Político Pedagógico. Serra, 2005. Disponível em acervo documental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Campinho.

FÁVERO, Osmar; IRELAND, Timothy Denis. **Educação como exercício de diversidade**. Coleção educação para todos, 7 coleção. Brasília, UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. 476 p. Acesso em 30 ago 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=647-vol7div-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192 >

FERRARI, S. C. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente?** 2011. Disponível em <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_ShirleyCostaFerra.pdf >. Acesso em: 11 nov. 2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FORNARI, Lianara Teresinha. **Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital**. Revista Espaço Pedagógico, v. 17, n. 1, Passo Fundo, p. 112-124, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://seer.upf.br/indx.php/rep/article/view/2027/1260>>. Acesso em 30 jun 2017.

FORTUNATO, Ivan. **Educação de jovens e adultos**. REU. Sorocaba: São Paulo, v. 36, n. 3. P. 281-283, dez 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/512-1-538-1-10-20110714.pdf>>. Acesso em: 23 jul 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Ed. Paz e Terra – Rio de Janeiro: 1979.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREITAS, Giuliano. **EJA e ensino Profissional**. Texto disponibilizado em 22 jul. 2010. In: Equipe Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/educacao/a-eja-preparo-para-trabalho.htm>> Acesso em 16 jun. 2016.

FUCK, Irene Terezinha. **Alfabetização de Adultos**. Relato de uma experiência construtivista. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GOLDEMBERG, M. **A arte de pesquisa: como fazer pesquisa quantitativa em ciências sócias**. Rio de Janeiro,, Record, 1997.

GONÇALEZ, M. H. C. de C. **Relações entre a família, o gênero, desempenho, a confiança e as atitudes em relação à Matemática**. 2000. 171 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Psicologia Educacional, Unicamp, Campinas, 2000.

HAGGE, S. M. **Educação de jovens e adultos, analfabetismo e compromisso social: análise da experiência educativa do projeto alfabetização cidadã na transamazônica.** UFPA, 2001. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/GT9.PDF>>. Acesso em: 19 mar 2017.

HAMILTON, Gordon. **Teoria e prática do serviço social de casos.** Tradução de Marília Diniz Carneiro. 5 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1982. 363p.

IBGE. **Características Gerais da População: Censo Demográfico 2000. Resultados da Amostra.** IBGE, 2003. Acesso em 21 maio 2016. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/populacao/censo2000/default_populacao.shtm>.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007.** Acesso em: 20 abr. 2016. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/suplementos/jovens/comentarios.pdf>.

KNELLER, G.F. **Introdução à filosofia da educação.** (Introduction to the philosophy of education). 3. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p.167.

LOPES, Antonia Osima. **Planejamento do ensino numa perspectiva de educação.** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Repensando a didática, 16ª. Ed. Campinas: Papirus, 2000. P.158.

LOPES, A. **Será que seu aluno é disléxico?** Nova Escola, São Paulo, ano XXII, v. 220, p. 66-69, dez., 2005.

MACHADO, Diana dos S.; CORREIA, Lyvia P.; ROVETTA, Organdi Mongin. **Dificuldades enfrentadas por professores e alunos da EJA no processo de ensino e aprendizagem de matemática.** VI SEMAT (Seminário da Licenciatura em Matemática). IFES– Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Cachoeiro de Itapemirim/ES – Agosto de 2014. Disponível em: <<https://semat.ci.ifes.edu.br>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico.** 5 ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

NASCIMENTO, Sandra Mara. **Educação de jovens e adultos eja, na visão de paulo freire.** Monografia de especialização. Universidade Tecnológica do Paraná. Setor: Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação Especialização em Educação. 2013. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4489/1/MD_EDUMTE_2014_2_116.pdf>. Acesso em 8ago 2017.

Moran, José. **Mudar a forma de ensinar e de aprender.** Revista Interações, São Paulo, 2000. vol. V, p.57-72. Acesso em 10 out 2017. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/uber.pdf>

NEVES, José Luís. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v.1, nº3, 2º sem/1996.

NISKIER, Arnaldo. **Educação brasileira: 500 anos de história, 1500-2000.** 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

RAUEN, Fábio José. **Elementos de iniciação à pesquisa.** Rio do Sul, SC: Nova Era, 1999.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão.** Paideia, FFCLRP – USP, Ribeirão Preto. Fev/Jul. 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/n4/03.pdf>>. Acesso em 1ago 2017.

PAIVA, J.; MACHADO, M. M.; IRELAND, T. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea.** Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação. Coleção Educação Para Todos. Edição eletrônica, 2007. 186p. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=657-vol1ejaelt-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 11 jun. 2016.

PALHETA, Pedro Ivan das G. ; REIS, Ailton Gonçalves . **Dificuldades do Aprender a Aprender na Educação de Jovens e Adultos do Ensino Profissionalizante.** In: 1o Congresso Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, 2008, Belo Horizonte. 1o Congresso Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, 2008.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade de ensino: a contribuição dos pais.** São Paulo: Xamã, 2000.

PEREIRA, Marina Lúcia. **A construção do letramento na educação de jovens e adultos.** 1.ed., 1reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005. 167p.

PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1958. (ed original 1947)

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1973.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** São Paulo: Cortez, 2000.

RIBEIRO, Eliane. **Educação de jovens e adultos no Brasil: conquistas e controvérsias.** Congresso Iberoamericano de Educación. Buenos Aires, República Argentina, 13, 14 e 15 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.chubut.edu.ar/descargas/secundaria/congreso/ADULTOS/RLE3115_Ribeiro.pdf>. Acesso em: 15 out. 2017.

ROMANELLI, Otaíza. **História da Educação no Brasil.** 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANCHEZ, Jesús Nicasio Garcia. **Dificuldades de Aprendizagem e Intervenção Psicopedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, G. L. dos. **Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA.** Revista Brasileira de Educação. n.24. set-dez 2003.

SILVA, Daniele André da. **Dificuldades de ser docente: desafios a serem superados.** Publicado e apresentado no V Encontro de iniciação a docência da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Paraíba. 2011.

SOUSA, José N. Martins de; TABOSA, Francisco José; SIMONASSI, Andrei; CASTELAR, Pablo U. deCarvalho. **Principais fatores que impactam na reprovação e evasão dos alunos dos cursos tecnológicos no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará.** Ceará. 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19319>>. Acesso em 15 ago. 2017.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no brasil.** Revista HISTEDBR On-line Artigo Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010 - ISSN: 1676-2584 52. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf>. Acesso em 15 de out 2017.

UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir.** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Presidente: Jacques Delors. 5 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de compromisso.

CÓDIGO: _____

TERMO DE COMPROMISSO

Eu, _____, Código para Identificação _____, tenho ciência de que a entrevista a qual irei conceder faz parte de uma dissertação sobre “Caracterização do perfil de professores e alunos de uma escola estadual de educação de jovens e adultos – EJA”, a ser realizado por mestrando do Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré / São Mateus. Assim sendo, autorizo a utilização da entrevista para fins de pesquisa da dissertação, resguardado de que o meu nome será mantido em anonimato, sendo identificado pelo código aqui registrado, caso seja citado no trabalho e que a tabulação de dados e as respostas sejam realizadas na íntegra.

Serra, ____ de _____ de 2016.

Entrevistado (a)

APÊNDICE B: Questionário – Professor.

CÓDIGO: Professor Nº _____

PESQUISA:Análise do processo de ensino-aprendizagem na EJA.

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário é parte da dissertação de mestrado sobre “Caracterização do perfil de professores e alunos de uma escola estadual de educação de jovens e adultos – EJA”, na qual os dados coletados serão utilizados para identificar e discutir a visão dos professores quanto aos elementos que dificultam o processo de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos.

A sua colaboração é imprescindível nesta pesquisa, assim, solicito que as perguntas sejam analisadas e posteriormente respondidas com presteza.

As informações aqui fornecidas serão utilizadas sem a sua identificação, por isso, em apêndice, encontra-se o “Termo de Compromisso”.

Desde já, agradeço a participação.

Hercílio Ribeiro de Oliveira
Mestrando – Faculdade Vale do Cricaré

APENDICE C: Questionário – Aluno.

CÓDIGO: Aluno Nº _____ – Identificação Turma: _____

PESQUISA:Análise do processo de ensino-aprendizagem na EJA.

Prezado (a) Aluno (a),

Este questionário é parte da dissertação de mestrado sobre “Análise do processo de ensino-aprendizagem na visão dos alunos e professores na modalidade de ensino EJA da Escola Estadual de Ensino Fundamental Campinho”, na qual os dados coletados serão utilizados para identificar e discutir a visão dos alunos quanto aos elementos que dificultam o processo de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos.

A sua colaboração é muito importante, assim, solicito atenção nas perguntas para que elas possam ser respondidas, conforme a realidade vivida por vocês.

As informações aqui fornecidas serão utilizadas sem a sua identificação, por isso, em anexo, encontra-se o “Termo de Compromisso”.

Desde já, agradeço a participação.

Hercílio Ribeiro de Oliveira
Mestrando – Faculdade Vale do Cricaré

1 – Como você classifica o ensino-aprendizagem das matérias ofertadas na Educação de Jovens e Adultos:

() Excelente

() Bom

() Regular

() Ruim

Porque: _____

2 – Tem alguma disciplina que você acha difícil de aprender?

() Sim

() Não

Se você respondeu sim, qual é a disciplina que você considera mais difícil?

() Português

() Matemática

() História

() Geografia

() Ciências

() Artes

() Inglês

() Educação Física

PROFESSOR			CLASSIFICAÇÃO				
	Amigo do aluno	Ensina com dedicação	Atende individualmente os alunos	Incentiva os alunos a estudarem	Demonstra stress em sala de aula	Ensina a aula de forma criativa e dinâmica	A aula é cansativa
Professor (a) de português							
Professor (a) de matemática							
Professor (a) de História							
Professor (a) de Geografia							
Professor (a) de Ciências							
Professor (a) de Artes							
Professor (a) de Inglês							
Professor (a) de Ed.Física							

APÊNDICE D: Termo de Autorização de Imagem Institucional.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM INSTITUCIONAL

Eu, _____ (nome responsável),
_____ (função), portador de cédula de identidade nº
_____, CPF Nº _____,
autorizo o registro de imagem fotográfica da _____
_____ (nome da escola), sendo
restrita apenas a imagem com especificação que identifique qualquer
profissional ou aluno da instituição escolar descrita

Autorizo ainda a veiculação das imagens em qualquer espaço do meio
acadêmico e de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de
conhecimento científico sem quaisquer ônus ou remuneração.

Serra, ___ de _____ de 2016.

(Responsável) Assinatura e Carimbo Profissional

Carimbo Institucional